

Janete da Rocha Machado

Ipanema

Memórias de um bairro da
zona sul de Porto Alegre

φ





A proposta desta obra é analisar o processo de criação, urbanização e desenvolvimento de Ipanema, bairro situado na zona sul de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, desde os seus primórdios, no século XVIII até o final dos anos 1950, com a atual configuração do bairro e suas vizinhanças. Considerando as águas do Lago Guaíba como espaços de recreação e de descanso, o aproveitamento do local desencadeou relações sociais e culturais que culminaram com o progresso de toda a região. A orla da zona sul, durante muito tempo, foi o local preferido pelos porto-alegrenses que não podiam se deslocar até o litoral (as praias de mar) e isso ocasionou um desenvolvimento econômico, motivado pela vinda de grupos que visavam ao lazer. Nesse sentido, será abordada a forma como essas famílias se apropriaram do local, vivendo e convivendo entre si, transformando a região em uma estação de repouso, de verão e de sociabilidades à beira do lago. Centrada em documentos, tais como jornais, revistas, fotografias e depoimentos orais, a pesquisa possibilitou também a produção de novos questionamentos, bem como de outras visões. Assim, abordando questões urbanísticas e culturais, esse trabalho pretendeu não só uma análise do veraneio vivido em Porto Alegre no início do século passado, como também um estudo sobre o processo de urbanização do bairro Ipanema a partir da primeira metade do século vinte.



editora fi
www.editorafi.org

Ipanema

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico

Prof.^a Dr.^a Claudia Musa Fay

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Prof.^a Dr.^a Helga Landgraf Piccolo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. René Ernani Gertz

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Ipanema

**Memórias de um bairro da
zona sul de Porto Alegre**

Janete da Rocha Machado

φ editora fi

Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Fontella Margoni

Fotografia de capa: Beatriz Regina Gonzaga Medeiros: Beatriz Medeiros com a irmã Suzana Maria Gonzaga na praia de Ipanema em 1953.

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MACHADO, Janete da Rocha

Ipanema: memórias de um bairro da zona sul de Porto Alegre [recurso eletrônico] / Janete da Rocha Machado -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

89 p.

ISBN - 978-85-5696-323-9

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. História. 2. Porto Alegre (RS) — História — Século XX. 3. Urbanização — Porto Alegre (RS). I. Título.

CDD-900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

*A Fernando Affonso Gay da Fonseca (in memoriam)
que pelas suas melhores lembranças,
permitiu-me conhecer Ipanema.*

“O sino da capelinha ecoando pelo bairro e crianças brincando em águas recomendadas por pediatras, assistidas por babás impecavelmente engomadas. Esse era o cenário da Praia de Ipanema na década de 1930. Das recordações dos moradores mais antigos, restam o canto solitário do sabiá e um lindo pôr-de-sol do Guaíba derramando cores sobre as casas”.

(Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. O veraneio de antigamente. **Jornal do Comércio**, 04 jan. 1982).

Agradecimentos

A realização desse estudo não seria possível sem o apoio e participação de algumas pessoas, entre elas:

À minha família, em especial, meu marido Sergio, que esteve sempre presente nas minhas atividades acadêmicas, incentivando-me e compreendendo os nossos desencontros. À minha mãe, Vera Regina, pelo apoio e ajuda incondicional em todas as horas. Aos meus filhos, Arthur e Pedro, por entenderem minhas ausências nas horas de lazer e nos momentos destinados às tarefas da escola. E à professora de Língua Portuguesa Catarina Tolotti pela correção deste trabalho;

Aos meus colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, agradeço pelo companheirismo, pelas trocas, pelo aprendizado, pelos trabalhos em grupo, enfim, por tudo que partilhamos;

Agradeço, especialmente, à professora Dr^a. Claudia Musa Fay, a qual com seu conhecimento, sua segura orientação e acompanhamento possibilitou-me alcançar os resultados desse trabalho, desde quando ainda era um projeto para a iniciação científica na graduação.

Também agradeço aqueles que gentilmente disponibilizaram seu tempo, possibilitando o resgate das memórias do bairro Ipanema, quer pelas entrevistas, quer pelos depoimentos, bem como o empréstimo de documentos sem os quais não seria possível recuperar os contornos de um tempo passado da zona sul de Porto Alegre.

A todos esses, que nos momentos difíceis da pesquisa me incentivaram e ajudaram na superação dos obstáculos, possibilitando à conclusão desse trabalho, expresso o meu profundo reconhecimento. Muito obrigada!

Sumário

Apresentação	15
Capítulo 1	17
Introdução	
Capítulo 2.....	33
Primeiros tempos: Ipanema da Sesmaria, das fazendas e das chácaras de verão	
2.1 As origens: Dionísio Rodrigues Mendes e a sesmaria de São Gonçalo.....	33
2.2 O Passo do Capivara: a grande fazenda de Juca Batista	42
2.3 Surge a ideia do veraneio: o casarão do comendador castro	45
2.4 Vizinhanças: o Morro do Sabiá e a Chácara da Vila Clotilde.....	49
Capítulo 3.....	55
A urbanização do bairro Ipanema	
3.1 Sociedade de terrenos Balneário Ipanema Ltda: o loteamento de Oswaldo Coufal.....	55
3.2 Ipanema: bairro com jeito de cidade do interior.....	60
3.3 Apogeu: Ipanema desponta no cenário porto-alegrense.....	70
Considerações finais	79
Referências	85

Apresentação

Claudia Musa Fay

Apresento o livro de Janete da Rocha Machado com muita alegria, justamente quando completamos dez anos de convívio. Nossa história teve início ainda no Curso de Graduação. Lembro que foi no ano de 2008, quando a professora e historiadora Dra. Sandra Jatahy Pesavento aposentou-se da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e na ocasião, seria contratada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Estava tudo certo para ela começar a lecionar no mês de março daquele mesmo ano, ministrando aulas na disciplina de Estágio da Pesquisa, porém uma fatalidade a impediu de prosseguir os seus projetos, porque ela estava doente e necessitava tratamento. Naquele momento, pensamos que seria um tratamento rápido, sem gravidade, e, por isso, assumi sua turma na PUCRS. Sandra chegou a preparar o Programa da disciplina, escolhendo, inclusive, a bibliografia. Como estava muito interessada pelo estudo das “cidades”, pensou em propor aos alunos pesquisas sobre Porto Alegre e seus bairros. Havia publicado, recentemente, o livro “O Imaginário da cidade, visões literárias da cidade”, numa abordagem orientada nas representações literárias, o imaginário e as sensibilidades de uma época. Na obra, Sandra postulou sobre as cidades de Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre, pois estava envolvida com a temática urbanística desde 1994, quando escreveu “Os pobres da cidade” e “Imagens urbanas”, de 1997. No início daquele ano de 2008, conversei com a turma, que ficou entusiasmada com a ideia de serem alunos da Professora Sandra

Pesavento. Acreditei, mesmo, que seriam poucas aulas que eu teria que ministrar, substituindo-a. Perguntei aos alunos sobre seus bairros residenciais da cidade de Porto Alegre e sobre a possibilidade de escreverem sobre eles. Uma das alunas inscritas na disciplina era a Janete da Rocha Machado, e ela me disse: “Sou da zona sul, moro em Ipanema desde pequena e gostaria muito de pesquisar e escrever sobre o bairro”. Passaram-se dez anos e, nesse período, Janete concluiu a graduação e o mestrado em História, e atualmente cursa o doutorado, cuja temática é a zona sul de Porto Alegre. Janete tornou-se professora, pesquisadora, historiadora e uma especialista no tema. Entrevistou antigos moradores, vasculhou a documentação, as fotografias e a imprensa da época. Escreveu artigos, criou um *blog*, agora chegou a vez do livro e eu estou muito orgulhosa por ter participado desta caminhada. Ao longo desta estrada, foi reconstruindo, através da memória e dos acervos particulares, a vida cotidiana, mas também se preocupou com as questões políticas e da urbanização da Zona Sul da cidade de Porto Alegre. Seu texto é leve e instigante, despertando a curiosidade e a vontade de conhecer mais. Suas fontes - em grande parte inéditas - revelam a seriedade de seu trabalho.

Capítulo 1

Introdução

Modernos condomínios, localização privilegiada e uma das regiões mais valorizadas da cidade, assim, é caracterizada, atualmente, a Zona Sul de Porto Alegre. Delimitada geograficamente por morros, arroios e pelo Guaíba, a região engloba os seguintes bairros: Belém Novo, Belém Velho, Camaquã, Campo Novo, Cavalhada, Cristal, Espírito Santo, Guarujá, Hípica, Ipanema, Jardim Isabel, Lami, Nonoai, Pedra Redonda, Ponta Grossa, Serraria, Sétimo Céu, Teresópolis, Tristeza, Vila Assunção, Vila Conceição e Vila Nova. Com uma orla que encanta o visitante e o morador, o bairro Ipanema, analisado nesta pesquisa, ainda apresenta, nos fins de tarde, o mais bonito pôr-do-sol da cidade.

Contudo, pouco se conhece sobre a história da região que, no passado, foi zona de veraneio daqueles que não podiam se deslocar até o litoral. Durante muito tempo, foi o local escolhido para o descanso e o lazer, pois eram as praias de Ipanema, as preferidas pela população. E isso ocasionou um desenvolvimento econômico motivado pela vinda de pessoas até os balneários da remota Zona Sul. Eram grupos que buscavam o descanso e o lazer à beira do Guaíba¹ e, para isso, mantinham chácaras e confortáveis

¹ Guaíba: rio ou lago? No presente texto, a autora usará as duas denominações: lago, pela definição geográfica, e rio, pela herança cultural. Em 1820, quando Saint-Hilaire avistou o Guaíba, não teve dúvidas em anotar em seu diário que se tratava de um lago. Os moradores da época chamavam-no de Lago de Viamão, denominação existente desde o século XVIII. O Guaíba é um lago, pois: Os rios que nele desembocam formam um delta. Esse tipo de depósito sedimentar ocorre quando um volume de água confinado por canais encontra-se com um grande corpo de água; Cerca de 85% da água do Guaíba fica retida no reservatório por um grande período de tempo; O escoamento da água

residências para uso familiar. O forte calor da cidade nos meses de janeiro e fevereiro empurrava a população para a Orla Sul, alterando assim a rotina.

Nas primeiras décadas do século vinte, a existência de um trem municipal e de um trapiche na beira da praia, onde atracavam os vapores, facilitava a chegada dos grupos. *“Muitas famílias de Porto Alegre vinham fazer o seu veraneio aqui, em Ipanema e na Pedra Redonda. Elas faziam isto: a mulher e os filhos ficavam toda a semana, e o marido trabalhava na cidade e vinha em um trenzinho que tinha aqui”*².

O “Trenzinho” de que fala a depoente pertencia a Estrada de Ferro do Riacho³, porque seu final de linha se situava, inicialmente, à beira do Arroio Dilúvio. Era uma linha de trem que percorria, desde o centro de Porto Alegre, chegando até a Zona Sul, no Antigo Balneário da Pedra Redonda, cerca de quatorze quilômetros. Para se chegar até o longínquo Ipanema, seguia-se de carreta ou cavalo, percorrendo estrada de chão batido.

Alguns historiadores, entre eles Sergio da Costa Franco, são unânimes em afirmar que foi devido ao trem que alguns bairros da Zona Sul progrediram. A atração maior ficava por conta das límpidas águas do Guaíba e da grande enseada aberta ao público que favorecia a chegada dos banhistas. Quem conta é o professor, historiador e morador do bairro Ipanema desde 1940, Harry Rodrigues Bellomo. Sobre a qualidade das águas, ele afirma: *“Eram tão limpas que se podia ver os peixinhos. As pessoas tomavam banho com sabonete. Grupos de esportistas praticavam natação,*

é bidimensional, formando áreas com velocidades diferenciadas, típico de um lago; Os depósitos sedimentares das margens possuem geometria e estrutura características de sistema lacustre; A vegetação da margem é de matas de restinga, identificadoras de cordões arenosos lacustres ou oceânicos (MENEGAT Rualdo. Atlas Ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998, p. 37).

² LUCE, Helga Bins. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

³Sobre a história da Estrada de Ferro do Riacho interessante a leitura da dissertação de Andre Huyer intitulada “A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre”. UFRGS. Porto Alegre, 2010. Orientadora: Dra. Célia Ferraz de Souza.

pois, nesse tempo, as águas ainda eram boas, livres dos despejos cloacais, e o Capivara ainda não poluía a nossa praia"⁴.

Na década de 1950, Maria de Lourdes Mastroberti, outra frequentadora assídua do Balneário Ipanema, aproveitava os domingos de calor e sol à beira do lago, fazendo piqueniques com as amigas. E ela recorda como eram esses dias quentes de verão: *"Com dia bonito, a gente ia para aproveitar a praia. E tinha aquelas famosas barraquinhas – entrava nela, tirava o vestido e colocava o maiô. Ficava o dia inteiro de maiô na praia*"⁵.

Com o advento das primeiras estradas asfaltadas no final dos anos trinta surgem os loteamentos, crescendo a procura por terrenos à beira do Guaíba. O acesso direto por ônibus e a existência de praia pública, diferente das praias da Tristeza, permitiu que Ipanema fosse procurada por uma classe mais popular. Porém, a compra dos lotes na nova praia foi feita por grupos da classe média, entre eles, profissionais liberais e funcionários públicos, os quais compraram seus terrenos e construíram confortáveis chalés. *"Eram casas de madeira, próprias de verão, mais simples"* ⁶.

Segundo Maria Emília, descendente do Juca Batista: *"As famílias vinham passar os fins de semana e férias em seus chalés, como nós que morávamos na Rua da República, na Cidade Baixa; Ipanema era considerada quase um município a parte"*⁷. A depoente conta ainda como usufruía a praia de Ipanema neste período: *"Na minha infância e juventude, anos 1950 e 1960, a gente aproveitava a orla fluvial; nos fins de semana, a praia ficava lotada e os terminais de ônibus, na subida do Espírito Santo, formavam filas imensas"*. ⁸

⁴ BELLOMO, Harry R. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 05 dez. 2008.

⁵ MASTROBERTI, Maria de Lourdes. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 15 jan. 2010.

⁶ FONSECA, Fernando Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 dez. 2012.

⁷ VASCONCELLOS. Depoimento de Maria Emília Rolim Vasconcellos em abril de 2008.

⁸ VASCONCELLOS. Depoimento de Maria Emília Rolim Vasconcellos em abril de 2008.

Com um projeto urbanístico moderno, idealizado pelo engenheiro Oswaldo Coufal, surgiu nos anos 1930, uma praia no estilo de Copacabana, no Rio de Janeiro. O projeto previa ruas largas, calçadas e arborizadas, amplas avenidas e a promessa de se transformar na mais agradável estação de veraneio da população. Anúncios publicitários em jornais da época divulgavam a venda dos lotes: “Balneário Ipanema: terrenos na praia em prestações – sem juros – ruas calçadas e arborizadas e água canalizada. Autobonde à porta com magnífica praia de areia”⁹. O nome Ipanema foi uma homenagem do loteador à conhecida praia carioca, local em que Oswaldo Coufal costumava passar férias com a família.

A pesquisa sobre o bairro Ipanema se identifica com a chamada Nova História Cultural, porque aborda o tema da memória e do espaço urbano através de um grupo anônimo, ou seja, de pessoas comuns, com seus hábitos, costumes e seu cotidiano. O estudo dos grandes acontecimentos e dos grandes personagens que mudaram o curso da História é importante para se compreender a sociedade, mas não são os únicos meios. A Nova História Cultural mostra-se um rico campo de pesquisa, pois trata de uma nova forma de ver e interpretar os fatos do passado, admitindo o conceito de longa duração e de cotidiano. São novos problemas e novas abordagens que, com certeza, enriquecem e subvertem os setores tradicionais da própria História.

Assim, abordando questões culturais, a pesquisa analisou a forma como ocorreu o desenvolvimento do bairro, a partir do veraneio e do lazer. Interessante salientar que as atividades recreativas desenvolvidas à beira do lago, associadas a um novo estilo de vida passaram a serem consideradas formas nobres e elegantes de ocupar o tempo livre, sendo identificadas pela sociedade como um privilégio da classe ociosa. As praias, bem como os modos de estar nelas, constituíram-se em práticas de um viver moderno de alguns segmentos da sociedade.

⁹ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 29 out. 1931. p. 15.

As praias de banho no início do século vinte faziam parte da vida elegante da cidade, atraindo novos empreendimentos, serviços e equipamentos urbanos. Desta forma, os prazeres gozados no campo, nas margens dos rios, lagos ou mares, inscreviam-se em um quadro de práticas recreativas das elites. Práticas essas propulsoras de uma forte sociabilidade entre iguais sociais e entre os sexos, uma vez que o código burguês recomendava que, por ocasião das reuniões sociais entre famílias, homens de negócios ou entre mulheres, houvesse a partilha do mesmo ambiente, onde pudessem também dividir as conversas entre si. As formas de sociabilidades mantidas entre moradores sazonais e locais e destes com comerciantes e profissionais liberais, contribuíram para redesenhar os balneários que surgem a beira do Guaíba na primeira metade do século vinte, entre eles o Ipanema.

Ainda por meio desse recorte temporal, primeira metade do século passado, foi possível um estudo sobre o processo de urbanização da região, cenário fortemente marcado pela presença do lago. A pesquisa, igualmente, reportou à questão da socialização dos grupos, a partir do convívio entre moradores e veranistas, em um determinado período do ano. Resultando no advento dos espaços públicos e privados à beira do Guaíba, destinados ao veraneio, ao descanso e ao lazer.

Surge, nesse período, em Porto Alegre, a necessidade de lazer que Dumazedier¹⁰ vai chamar de “a dinâmica produtiva do lazer”, ou seja, o progresso científico e técnico leva ao aumento do tempo livre, bem como as mudanças socioculturais conduzem a uma regressão dos controles institucionais e à emergência de um novo desafio social do indivíduo de dispor de si próprio. O autor define o lazer como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade para repousar ou para divertir-se. Para ele o lazer surge com a Segunda Revolução Industrial, período de automação dos processos produtivos, quando ocorre

¹⁰ DUMAZEDIER, Joffer. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 25.

uma diminuição da carga horária de trabalho, ocasionando um tempo livre maior para os grupos desfrutarem em algum lugar.

Essa liberação maior do trabalho, conforme Dumazedier está relacionada aos progressos técnicos ocorridos ao longo dos anos, pois “todos associaram o desenvolvimento do lazer ao progresso da cultura intelectual dos trabalhadores e ao aumento de sua participação nos negócios da cidade”¹¹. Ainda conforme o autor, o lazer não é ociosidade, pois ele não suprime o trabalho. Os momentos de descanso usufruídos pelo homem correspondem a uma liberação periódica do trabalho no fim do dia, da semana ou do ano com as férias.

Desta forma, entende-se que o lazer empreendido pelos porto-alegrenses nas primeiras décadas do século vinte vai estar associado a permanências em lugares aprazíveis como as praias. E era isso que buscavam as famílias quando se dirigiam aos balneários do Guaíba: lazer e recreio à beira do lago. Para Joana Schossler, “a mudança de ares, a ida ao campo, deram origem à vilegiatura, prática que consistia na ida até um local previamente determinado, que na Europa dividia-se entre estação mundana (inverno e primavera) e a vilegiatura (verão e parte do outono)”¹².

No Brasil, o advento da modernidade vai proporcionar uma mudança nos costumes da burguesia ascendente. Conforme Nicolau Sevcenko, os grupos buscam, a partir do início do século vinte, uma estação de cura e recreio. Essas estações poderiam ser as praias de mar ou rio. Pensando na saúde, os novos hábitos acabam se tornando impulsionadores do turismo, fortalecido pelo governo. Nos anos 1930, Vargas institui o direito geral ao repouso anual. Assim, todos aqueles que tinham posses poderiam usufruir de um tempo maior de lazer. “A ideia era partir para algum lugar distante, onde se pudesse escapar do controle dos familiares, dos

¹¹ DUMAZEDIER, Joffer. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 20.

¹² SCHOSSLER, Joana. As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2010, p. 20.

vizinhos, das hierarquias profissionais, dos papéis sociais e das reservas de conduta”¹³.

Em Porto Alegre, a ascensão social de algumas famílias, especialmente de alemães, aliada às novas práticas de lazer, permitiu, ao longo da primeira metade do século vinte, não só o uso de férias em lugares aprazíveis como os balneários da Zona Sul, como também o sonho de uma confortável casa de veraneio, um espaço de sociabilidades. Os grupos buscavam recreação proporcionada pela região, como andar a cavalo, caçar, pescar, velejar, nadar ou simplesmente tomar banhos no Guaíba.

Os encontros de famílias também serviam para compor as relações sociais e de negócios. Alguns balneários da Orla do Guaíba funcionaram como espaços de elitização, pois seus ocupantes faziam parte de uma classe privilegiada da sociedade da época. Por conta dessa elite, ora residente, ora sazonal, o sucesso de algumas praias esteve associado sempre aos incrementos ocorridos no local.

A venda de terrenos à beira do lago, o surgimento dos primeiros loteamentos nos jardins residenciais, a construção de lindas vivendas e o embelezamento dos balneários ocorreu por conta de grupos de empreendedores¹⁴ que souberam ampliar suas fortunas durante os anos vindouros do veraneio. Alguns sobrenomes conhecidos em Porto Alegre são lembrados pelas suas confortáveis chácaras de verão à beira do Guaíba. As memórias de

¹³ SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998, v. 3. P. 563.

¹⁴ O termo empreendedor é proveniente da palavra *entrepreneur*, que no século XII, na França, era utilizada para designar a pessoa que incentivava brigas. No século XVI, o termo passa a descrever uma pessoa que dirigia uma ação militar. No século XVII, surgem as primeiras relações entre assumir riscos e empreendedorismo, onde empreendedores estabeleciam acordos com governos para a realização de algum serviço ou produto, arcando com o lucro ou prejuízo. Entretanto, foi no final do século XVII e início do século XVIII que o termo passou a ser utilizado para se referir àquele que criava e conduzia projetos e empreendimentos. Ainda no final do século XIX e início do século XX, empreendedores eram confundidos com administradores, pois eram identificados apenas pelo ponto de vista econômico. Foi somente no século XX que ao termo empreendedorismo foi associada a ideia de inovação. FAY, Claudia Musa. SCHEMES, Claudia. PRODANOV, Cleber. Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX. Revista História Econômica & História de Empresas. XIII. 1 (2010), 157-186.

Olga Nedel Schlatter reforçam a ideia da existência desses grupos nas vizinhanças de Ipanema:

Nossos veraneios à beira do Guaíba começaram no início dos anos 1940. Naquela época, várias famílias de Porto Alegre (Luce, Linck, Pabst, Ely, Bier, Barata, Siegmann, Bercht, Bromberg, etc) ali possuíam chácaras onde iam passar o verão. A maioria dessas residências ficava à beira rio, com jardim arborizado e confortáveis casas que acomodavam muita gente. Havia programação para todo o dia e para todos os gostos: banhos de rio, brincadeiras e jogos diversos no grande arborizado pátio, passeio pela redondeza, pescarias, etc. 15

A maioria das famílias citadas acima possuíam chácaras de veraneio na Pedra Redonda, balneário vizinho de Ipanema, que naquela época pertencia ao Bairro Tristeza. Segundo memórias registradas em cartas, verificam-se essas sociabilidades vividas nesses espaços. *“Como meu marido, através de seus negócios, era muito bem relacionado, nossa chácara vivia cheia de gente. Entre os visitantes ilustres lembro o Dr. Getúlio Vargas, o Dr. João Neves da Fontoura, o Daniel Krieger, o Osvaldo Vergara, entre outros”*¹⁶.

O aproveitamento das praias do Guaíba também se deu por outros segmentos da sociedade de Porto Alegre da época. Classes mais populares utilizavam, especialmente, a grande enseada de Ipanema para passar o dia, tomar banhos e fazer piqueniques nos domingos de calor. Muitos faziam a viagem do Centro até a Zona Sul utilizando o transporte coletivo disponível para as famílias que vinham de longe. Nas lembranças de Maria de Lourdes Mastroberti, reforça-se essa ideia:

¹⁵ SCHLATTER, Olga Nedel; MENDONÇA, Renato. Rua Garibaldi, 1085: vivências de Olga Nedel Schlatter. Porto Alegre: Renato Mendonça Edição, 2009. P. 39,40.

¹⁶ DREHER, Martha Elisabeth. Carta deixada em 1970. [Acervo da Família Dreher]. As terras de Martha Dreher localizavam-se onde hoje está o Jardim Isabel, um dos mais recentes bairros criados em Porto Alegre. Sua história está ligada a Ipanema, bairro do qual se emancipou em 2009.

A alegria era contagiante. A gente ia porque era o lugar que tinha praia. No fim de semana, no domingo, a gente saía de manhã bem cedinho e voltava à tarde. Tinha ônibus com tranquilidade. Aproveitava-se a praia, com dia bonito. Ia eu, minha irmã e uma amiga dela. E eu gostava muito. Levava lanche. Galinha com farofa não podia faltar e bolo que a minha mãe fazia. A gente comia também ovo cozido e levava pão com salame e queijo, era o sanduiche. Para beber, se levava umas garrafinhas com refresco¹⁷.

Na fala animada da depoente acima é possível identificar também os hábitos alimentares daqueles que apenas passavam o dia na praia, e a importância da galinha com farofa, prato que lhes deu apelido divertido: os farofeiros.

Assim, a pesquisa revelou outros cenários vividos neste período na Orla do Guaíba, mas todos visando ao aproveitamento das águas limpas do lago para banhos e para o descanso, ocasionando um crescimento urbano dessa parte da cidade. Com o tempo, muitas famílias passaram a residir na região, como relembra Maria Emília: *“Lembro-me quando ficamos morando aqui em Ipanema. Eu estudava no Instituto de Educação e pegava o ônibus na Avenida Guaíba. Recordo do frio intenso, era inverno e o vento minuano castigava minhas pernas”*.¹⁸

Desta forma é fato que o processo de formação e desenvolvimento de alguns bairros da Zona Sul da cidade, como Ipanema, esteve diretamente relacionado à procura dos balneários pelos porto-alegrenses na primeira metade do século vinte. E essa procura se estendeu até os anos de 1960, quando se intensificou o processo de degradação ambiental, provocado pela poluição das águas do lago.

O deslocamento até as praias do Guaíba foi consequência, na época, a procura por lazer de grupos. Também buscavam um local

¹⁷ MASTROBERTI, Maria de Lourdes. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 19 dez. 2010.

¹⁸ VASCONCELLOS. Depoimento de Maria Emília Rolim Vasconcellos em abril de 2008.

mais próximo da cidade e dos negócios. As praias do litoral gaúcho eram muito distantes e de difícil acesso. Para se chegar a Torres ou Tramandaí era preciso, pelo menos, um dia de viagem, atravessando lagoas, matos e enfrentando dificuldades diversas. E isso acabou gerando a criação de espaços públicos e privados na orla do Guaíba, locais destinados ao recreio e ao bem-estar das famílias. Segundo Flores:

As praias de mar eram ainda de difícil acesso, pela precariedade de vias e meios de locomoção. Veraneiar em Torres nas primeiras décadas do século significava uma viagem de não menos de uma semana, em que toda a sorte de meios de condução eram empregados (...). As demais praias nem existiam. Por isso havia praticamente duas opções para veraneio das famílias porto-alegrenses: Canoas, com vastas chácaras de figueiras frondosas, acessível por ferrovia com desembarque na estação local, ou por rodovia precária; e a zona sul, mais próxima e onde amenas praias e o encanto da beleza natural cativavam o visitante¹⁹.

A partir da busca de novos fatos para compor a história do veraneio e da urbanização de Ipanema, a pesquisa deparou-se com um conjunto de memórias construídas por moradores, resultado de vivências do passado e de lembranças reconfiguradas no presente. A história oral se constitui em fontes obtidas a partir da realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos do passado. As entrevistas foram realizadas com descendentes de familiares, os quais compuseram no passado o grupo de moradores (sazonais ou não) da região analisada.²⁰ É importante que se diga também que a maioria dos depoentes são grupos com idades que variam entre 60 e 90 anos, porém todos em perfeitas condições intelectuais.

¹⁹ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 57.

²⁰ Todas as entrevistas gravadas estão disponíveis para consulta no LABORATÓRIO DE PESQUISAS EM HISTÓRIA ORAL DA PUC/RS (LAPHO).

Para Ecléa Bosi, estudiosa da memória e das lembranças dos mais velhos, “há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo. Nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar”²¹. Para a autora, “os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”²². Eles são os guardiões do passado e a eles é dada a função social de lembrar e aconselhar.

Para esses grupos, a lembrança é a sobrevivência do passado, o qual se conserva no espírito de cada ser humano, aflorando a consciência na forma de imagens e de lembranças. Ecléa salienta ainda a importância da convivência dos velhos com os mais jovens num processo pleno de aculturação: “O reviver do que se perdeu, de histórias, o reviver dos que já partiram; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar.”²³.

Assim, a pesquisa avançou a partir dos dados obtidos com a oralidade. São testemunhos que, de certa forma, foram excluídos ou colocados no anonimato sem direito à memória. A história oral na recuperação da história do bairro Ipanema serviu para construir a narrativa. Segundo Jacques Le Goff, há especialistas na memória que o autor identifica como os “homens-memória”²⁴. Para esse autor, os homens-memória podiam ser os guardiões dos códices reais, historiadores da corte, tradicionalistas, chefes de família idosos ou sacerdotes, mas todos com um importantíssimo papel de manter a coesão do grupo, pois ele será o indivíduo que vai lembrar mais do que os outros.

²¹ BOSI, E. Memória e sociedade. Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 63.

²² BOSI, E. Memória e sociedade. Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 18.

²³ BOSI, E. Memória e sociedade. Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 74.

²⁴ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 1996, p. 429.

E essa memória só foi possível a partir dos dados coletados e documentados pela pesquisadora ao longo dos anos em que o estudo se desenvolveu. Dessa forma, priorizou-se, ao longo do trabalho, a coleta e o registro dos depoimentos²⁵, bem como de materiais, os quais acrescentaram fatos inéditos ao conhecimento sociocultural da cidade. O contato com acervos familiares, até então desconhecidos, trouxe à luz, fatos novos ao trabalho, os quais permitiram a análise de novas representações acerca do bairro Ipanema.

Além disso, o trabalho com a oralidade despertou o lado afetivo e de gratidão das famílias, as quais disponibilizaram um rico acervo à investigação. Desta forma, os depoentes sentem-se valorizados com a possibilidade de suas histórias serem publicadas e reconhecidas pelos diferentes segmentos da sociedade. Conseqüentemente, criam-se “laços”, os quais se fortalecem, permitindo a liberação de novos e interessantes acervos e memórias, antes guardadas ou esquecidas.

Há que se considerar, ainda, que outra forma de se recuperar e preservar a história de um local é por meio dos lugares de memória. É a construção da memória das famílias, consolidada, neste caso, por pessoas ilustres, que, de alguma forma, foram importantes na configuração da cidade. A história de Ipanema possui alguns desses exemplos em nomes de ruas, de instituições, etc.

Conforme relembra Fernando Gay da Fonseca²⁶: *“Hoje minha mãe é rua, é colégio, é instituto. No bairro Ipanema ela foi homenageada com seu nome para a escola estadual Odila Gay da Fonseca. Foi uma homenagem justa que o governo prestou a ela”* ²⁷.

²⁵ Mais que os livros, filmes e programas de televisão mostram, há um forte interesse popular pelas memórias históricas. Esse interesse cada vez maior provavelmente é uma reação à aceleração das mudanças sociais e culturais que ameaçam as identidades, ao separar o que somos daquilo que fomos (BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 88).

²⁶ Fernando G. da Fonseca faleceu em 03/02/2017, quando ainda estava contribuindo para esta pesquisa.

²⁷ FONSECA, F. Affonso Gay. Retratos. Canoas: Editora da ULBRA, 2003, p. 132-133.

Fonseca destaca também a homenagem feita a Déa Coufal, esposa do loteador do bairro: “*A Déa Coufal foi amiga da minha mãe. Elas percorriam isso tudo aqui fazendo um trabalho de assistência aos necessitados. O nome da rua é em homenagem a ela*”²⁸.

Observa-se nesse gesto uma forma de tentar preservar a memória histórica de um lugar e de um tempo perdido no passado. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, e que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, porque essas operações não são naturais, sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria”²⁹.

Além dessas memórias, a pesquisa está sedimentada em uma documentação textual e visual, as quais possibilitaram uma ampla reconstituição do período estudado. Informações foram coletadas em diferentes arquivos públicos, entre eles, o Arquivo Histórico de Porto Alegre Moyses Vellinho, cujo acervo contempla história, geografia e legislação sobre a cidade. O local reúne e preserva aproximadamente um milhão de documentos datados a partir do século dezoito, os quais registram a formação de Porto Alegre. São jornais, mapas, plantas e cartas que expõem a política das administrações municipais. Neste local, também foram colhidas informações contidas nos periódicos da Revista do Globo, a qual, por meio de reportagens e anúncios, trazia, em suas páginas, cenas do bairro. Matérias ilustradas eram publicadas nesta revista elogiando as belezas da região e divulgando os elegantes “points” recém-criados na orla balneária da cidade.

Outro local utilizado foi o Museu Histórico Joaquim José Felizardo. O prédio abriga três importantes acervos sobre a

²⁸ FONSECA, Fernando Gay da. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 dez. 2012.

²⁹ A história de um povo também pode ser contada através dos nomes das ruas das suas cidades. Os endereços que escrevemos em documentos, formulários, remetentes e destinatários de correspondência, retratam características de um território, sinalizam acontecimentos marcantes e, em muitos casos, são nomes de pessoas, cujas histórias de vida a grande maioria dos cidadãos desconhece. É como uma forma de homenagear *post mortem*, aqueles que se destacaram em vida (NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUCRS, 1993, p. 13).

história de Porto Alegre: o histórico, o fotográfico e o arqueológico. No acervo fotográfico e digitalizado da Fototeca Sioma Breitman foi possível recuperar imagens antigas e inéditas sobre o bairro. As fotografias desse acervo permitiram, por meio de um “dar a ver a cidade”, um novo olhar sobre parte da história de Porto Alegre. São imagens que interagem, possibilitando uma análise mais completa acerca de hábitos de vilegiatura vividos às margens do Guaíba. A prática de banhos na Zona Sul possui registros fotográficos valiosos que remontam aos anos de 1900, na virada do século.

E, por fim, mas não menos importante, a busca por documentos escritos aconteceu também no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, cuja coleção se compõe de diferentes áreas da comunicação. O acervo pesquisado pertence às áreas da imprensa, as quais tratam da imprensa escrita e da publicidade. Nestes locais, foram analisadas várias reportagens de jornais dos anos 1930, entre eles periódicos do *Correio do Povo*. A venda de terrenos nos loteamentos recém-criados no bairro Ipanema exigiu a divulgação nos jornais de grande circulação na época. Os anúncios, além de retratar as paisagens e os encantos da região, ofereciam vantagens no financiamento e a promessa de uma rápida valorização dos lotes. Assim, a diversificação das fontes por meio da documentação como jornais, revistas ilustradas, diários, depoimentos, mapas, fotografias, projetos urbanísticos e acervos particulares, entre outros, permitiu também a produção de novos questionamentos e de novas visões.

Assim, com uma proposta de estudo que procurou problematizar o passado, a pesquisa partiu da primeira sesmária doada ainda no século dezoito e se encerrou no final da década de 1950 com a configuração dos bairros pela lei 2022 de sete de dezembro de 1959³⁰. A historiadora Hilda Flores em

³⁰ Como vereador, Ary da Veiga Sanhudo apresentou à Câmara Municipal o primeiro projeto de lei que regulamentou os limites e os nomes dos bairros de Porto Alegre. Autor de “Porto Alegre, crônicas de minha cidade”, editado em dois volumes (1961 e 1975).

seus estudos sobre a Zona Sul³¹, dividiu o desenvolvimento da região em quatro momentos distintos.

O primeiro se daria com a fase da sesmaria (século dezoito), o segundo momento seria o da colonização (século dezenove), o terceiro, a fase balneária (1900 a 1930) e o último, o período de urbanização da região (1930 aos nossos dias). Assim, os dois últimos períodos, identificados pela historiadora Hilda, serão analisados nesta pesquisa, uma vez que se referem ao veraneio e à urbanização na região. Observa-se, naquele momento, identificado por Flores como da conurbação, uma mudança de cenário, indicando que a Zona Sul deixava para trás seu aspecto mais rural para ingressar numa era de crescimento. Na realidade, toda a paisagem citadina de Porto Alegre passava por uma significativa transformação, como por exemplo, a remodelação na orla do Guaíba.

Desta forma, o empreendedorismo de Oswaldo Coufal e de seus sócios foi fundamental para a criação e desenvolvimento do Bairro Ipanema – um balneário planejado e consolidado nos anos 1930, após ampla divulgação. Utilizando-se de um suposto imaginário ligado à Cidade Maravilhosa no Rio de Janeiro, o loteador denominou as ruas e ao balneário com a mesma nomenclatura daqueles locais cariocas. Coufal tencionava transformar Ipanema em um ponto turístico da capital, o que de fato ocorreu.

Com um plano de urbanização que incluía a igreja, as praças e a orla, a remodelação ficou sob responsabilidade de Ubatuba de Faria, conhecido engenheiro e projetista da época. Seguindo todas as normas estéticas de um moderno urbanismo e baseado no conceito de “Cidade-Jardim”³², o projeto traçou ruas, praças e

³¹ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979.

³² O conceito de Cidade Jardim foi proposto no final do século dezenove. O objetivo era unir os aspectos de cidade (empregos e infraestrutura) com os do campo (natureza). Desta forma, a cidade atrairia a população a residir nestes locais mais campesinatos, como o bairro Ipanema daquela época.

definiu lotes os quais obedeciam a um planejamento moderno e arrojado. O projeto priorizou a preservação das matas, reforçando assim a ideia de “cidade-jardim”, também pensado para outros bairros da Zona Sul como Vila Conceição e Vila Assunção.

Assim, considerando-se todos esses aspectos, a história de Ipanema, bem como de seu veraneio, remetem a um tempo que perfaz mais de duzentos anos, o que atesta uma história de longa duração³³, a qual merece ser divulgada e, principalmente, preservada. Conforme Sérgio da Costa Franco, “uma cidade só existe, torna-se palpável, adquire densidade humana e espiritual, quando é capaz de resgatar de maneira permanente o seu passado. Sem passado não há história, sem história perde-se a identidade e o futuro”³⁴.

A seguir os primórdios do bairro Ipanema.

³³ Segundo Fernand Braudel, a história situa-se em três escalões, uma história dos acontecimentos que se insere no tempo curto (concepção positivista); a meia encosta, uma história conjuntural, que segue um ritmo mais lento, em profundidade, uma história estrutural de longa duração, que põe em causa os séculos (BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. As escolas históricas. Publicações Europa-América. F. Braudel: Os tempos da história, 1990, p. 131).

³⁴ FRANCO, Sergio da Costa. Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006, p. 5.

Capítulo 2

Primeiros tempos: Ipanema da Sesmaria, das fazendas e das chácaras de verão

2.1 As origens: Dionísio Rodrigues Mendes e a sesmaria de São Gonçalo

No início do século dezenove, as terras onde hoje está localizada a Zona Sul de Porto Alegre faziam parte de uma imensa zona rural da cidade. Originário da primeira sesmaria doada ainda no século dezoito, o local se configurou em grandes extensões de terras, em cujas fazendas se cultivavam arroz e frutas, além da criação de gado leiteiro.

Isso só era possível devido à irrigação pelos arroios Capivara, Cavallhada e Salso, os quais proporcionavam fertilidade à região e, portanto, condições favoráveis para a agricultura e pecuária. Eram os limites dessas terras produtivas e apresentavam águas límpidas e cristalinas, perfeitas para o uso. Assim como eram limpas também as águas do Guaíba, o que motivou, tempos mais tarde, o uso da região para o lazer e o veraneio dos porto-alegrenses.

Francisco Riopardense de Macedo, em seus estudos sobre as origens de Porto Alegre, define o desenvolvimento da cidade a partir das áreas vocacionais e o surgimento dos bairros decorrente de uma ordem geográfica, influenciando diretamente na ocupação do solo porto-alegrense:

A linha de elevações, Morro do Osso, tem sido através destes dois séculos, a barreira que impede a urbanização para o lado sul, constituindo verdadeiro divisor dos três setores da população. O primário ocupando o lado meridional e os secundários e terciários estabelecendo-se no norte, com pequeno derrame pelas margens do Guaíba¹.

Conforme Macedo, os acidentes geográficos, como os morros da Zona Sul, definiram a lenta ocupação e o desenvolvimento econômico da região, ficando o setor primário (agricultura e a pecuária), ao sul da cidade. Desta forma se explica a demora no povoamento e no desenvolvimento desses bairros se comparados com os demais de Porto Alegre. Nesta explicação está também a origem da primeira atividade econômica nas terras onde hoje se situam os bairros da Zona Sul: o cultivo de alguns produtos agrícolas, entre eles o arroz, e a criação de gado leiteiro. Muitas fazendas situadas em Ipanema tinham na cultura do arroz sua atividade econômica de sustentação.

Ao sul da linha de elevação Morro do Osso, pelo tipo de ocupação do sítio, nenhuma nucleação de importância ali surgiu e pela barreira topográfica (linha de elevações citada), aquela área foi aproveitada para pequena agricultura e pecuária de pouca importância².

Durante muitos anos prevaleceu, na Zona Sul, uma economia voltada para as atividades primárias. “Tais lugares só começam a suplantam suas condições de isolamento em decorrência de suas atividades turísticas. Antes disso se caracterizavam como fornecedores de produtos hortifrutigranjeiros e de animais de

¹ MACEDO, F. R. Porto Alegre, história e vida da cidade. Porto Alegre: UFRGS, 1973, p. 223.

² MACEDO, F. R. Porto Alegre, história e vida da cidade. Porto Alegre: UFRGS, 1973, p. 223.

pequeno porte”³. E as atividades turísticas que fala o autor tiveram origem a partir das práticas do veraneio.

Para Walter Spalding, o Rio Grande do Sul era o grande celeiro da América do Sul em gado bovino, e isso representava a maior riqueza da época, atraindo um grande número de tropeiros. “Esse gado bovino, introduzido pelos jesuítas, particularmente pelo padre Cristóvão de Mendoza Orellano, em 1634, era, na realidade orelhano, isto é, sem dono”⁴. Assim, ocupando as terras com tropas de gado e ranchos organizados, os grupos iam ficando e se estabelecendo em terras sob litígio das duas coroas.

Na realidade, desde o Tratado de Tordesilhas em 1494, o território gaúcho estava sob domínio espanhol. Contudo, devido ao pouco interesse das coroas pela região, alguns desbravadores portugueses começaram a chegar e se estabelecer, pois era o caminho a ser percorrido para abastecer a Colônia de Sacramento, uma vila portuguesa.

No século dezoito, a Província de São Pedro, como era conhecido o Rio Grande do Sul, sofreu sua primeira divisão, originando as primeiras sesmarias. A grande abundância de gado, requerendo grande extensão de campo para criá-los justificava as concessões de terras aos primeiros sesmeiros. Portugal, pensando em ocupar a região, alvo de disputas entre lusos e castelhanos, resolveu conceder as terras a quem estivesse ocupando-as por um período superior a cinco anos e que possuísse casa, criação, plantação e que requeresse a carta de doação. Também deveriam dispor de mão-de-obra para o trabalho, como agregados, escravos ou índios.

O sistema de posse utilizado por Portugal em todas as suas colônias, incluindo o Brasil, consistia em dividir a terra em lotes e distribuí-los a particulares. Para Moacyr Flores, “a sesmaria era

³ FERNANDEZ, Érico Pinheiro. Zona Sul de Porto Alegre: pensar hoje o que será ontem. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 260.

⁴ SPALDING, Walter. Pequena história de Porto Alegre. Porto Alegre: Sulina, 1967, p. 167.

uma área de terra devoluta, com mais ou menos três léguas de comprimento por uma de largura, ou 18 km por 6 km de largura”⁵. No Rio Grande do Sul, o regime de glebas tinha por objetivo a política expansionista portuguesa, a qual pretendia estabelecer uma ligação terrestre permanente com a Colônia de Sacramento e ocupar as terras que por direito pertenciam à Espanha.

Inicialmente, esses lotes de terras eram concedidos aos tropeiros que se deslocavam pelo estado em busca do gado selvagem. Mais tarde, elas foram oferecidas aos militares como uma forma de recompensa pelos serviços prestados à Coroa, e logo após eram dadas àqueles que possuísem, além do interesse de ocupar a região, recursos suficientes para manter tal assentamento.

Conforme Guilhermino Cesar, “as sesmarias concedidas multiplicavam-se assombrosa e desordenadamente, a capitania foi retalhada em propriedades extensas”⁶. Nos campos de Viamão se instalaram os primeiros sesmeiros, e a vida começava a organizar-se em torno das estâncias, símbolo do gaúcho e do Estado. Eram grandes concentrações de terras nas mãos de poucos formando uma aristocracia pastoril, a qual tinha por objetivo, o desenvolvimento da agricultura, da pecuária, a povoação e a defesa do território.

Nos últimos decênios do século dezoito, e ainda no início do seguinte, a regra geral era o latifúndio, por força do qual se modelou o patriciado gaúcho, matriz dos chefes de clãs rurais. E será a partir desse patriciado existente no Estado que sairão os futuros dirigentes, homens de prestígio que terão projeção política no período da Revolução Farroupilha.

Na região que corresponde atualmente à cidade de Porto Alegre foram doadas três sesmarias: a Jerônimo de Ornellas, a

⁵ FLORES, Moacyr. Origem e fundação de Porto Alegre. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 13.

⁶ CESAR, Guilhermino. História do Rio Grande do Sul: período colonial. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002, p. 207.

Sebastião Francisco Chaves e a Dionísio Rodrigues Mendes. É importante que se diga que foi na Estância de Sant'Ana, de Jerônimo de Ornellas, que começou, efetivamente, a capital dos gaúchos. Compreendendo os atuais bairros do Centro, Cidade Baixa, Bom Fim, Floresta, Navegantes, Independência e Moinhos de Vento, as terras de Jerônimo de Ornellas foi o local onde teve início o primeiro núcleo a partir de uma pequena povoação.

A sesmaria de Sebastião Francisco Chaves ficava ao sul das terras de Jerônimo de Ornellas, limites com o Arroio Dilúvio. As terras desse sesmeiro abrangiam os atuais bairros Teresópolis, Santa Teresa, Cristal, Partenon, Azenha, Menino Deus, Santana, Medianeira, Glória e Praia de Belas. E por fim, a sesmaria que coube a Dionísio Rodrigues Mendes, foi a que mais lentamente de desenvolveu. Limítrofes com a sesmaria de Sebastião Chaves, as terras de Dionísio compreendiam os atuais bairros da Zona Sul da cidade, tema central dessa pesquisa.

Na primeira divisão territorial de Porto Alegre, foram feitas três fazendas. A de Dionísio Rodrigues Mendes tinha sede no Morro São Gonçalo, em Belém Velho. A fazenda estendia-se do arroio da Cavalhada até o arroio da Gabiroba ou do Salso, nas proximidades da Ponta Grossa, abrangendo a zona balneária sul de Porto Alegre. Em 1799, seu filho André Bernardes Rangel mandou medir a fazenda e, em 1801, conseguiu o título de sesmaria. O filho mais velho de Dionísio, Manoel Rodrigues Rangel, não teve descendência. André fixou residência em Ipanema, seus filhos e genros fixaram-se em toda sua fazenda, sem demarcarem limites de área. Sua esposa falecera em 1823 e André, em 1826. Seus filhos e genros entraram em luta judicial. As terras de André abrangiam os atuais bairros: Vila Assunção, Tristeza, Vila Conceição, Pedra Redonda, Ipanema, Cavalhada e parte da Vila Nova⁷.

Para Hilda Flores, Dionísio teria ocupado a região alguns anos após os outros sesmeiros. “Provavelmente veio à Belém

⁷ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Editora do Autor, 1996, v. 2, p. 90.

(Velho), sede de sua fazenda, só no ano de 1735, ou após”⁸. É importante destacar que Dionísio também construiu charqueadas (exploração de carnes e couros) nos bairros Cristal e Vila Assunção, daí o nome do local de Ponta do Dionísio, na Assunção, porto de onde saíam as embarcações que navegavam no Guaíba. As charqueadas que ficavam nas terras desse sesmeiro, ajudaram a desenvolver a região. Sobre esse assunto, relata Archymedes Fortini ao retratar povoadores perpetuados pelo nome:

Os nomes de alguns deles vieram refletir-se na própria geografia local, como o de Dionísio Rodrigues Mendes, que foi um dos arrojados companheiros de empresa de João Magalhães, genro de Francisco Brito. Teve ele seu nome perpetuado na península que, no Guaíba, se chama, “Ponta do Dionísio” e é constituída pela extremidade mais distante de sua estância, em Belém Velho⁹.

No final do século dezoito, quando Porto Alegre foi loteada e urbanizada, o local, hoje compreendendo a Vila Assunção, pertencia a um dos filhos de Dionísio, André Bernardes Rangel, que, no entanto, residia em Ipanema. A partir de 1830, a charqueada da Vila Assunção foi explorada por André. Os produtos dessa atividade eram enviados à cidade, partindo do porto da Ponta do Dionísio. Tempos mais tarde, André tentou legalizar as terras deixadas por seu pai, mas não obteve sucesso.

Nesse período residia em Ipanema, nas proximidades da AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil) Bernardino José Sanhudo, cujas terras se estendiam desde a Pedra Redonda até Ipanema. Também era morador nesse período, o Capitão Alexandre Bernardes. As terras deste compreendiam a região onde está a Avenida Cavalhada, finalizando nas proximidades do Arroio Capivara e fronteira às terras de Juca Batista. O local era conhecido por Lomba do Capitão Alexandre. Neste local havia

⁸ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 15.

⁹ FORTINI, A. Porto Alegre através dos tempos. Porto Alegre: Divisão de Cultura, 1962, p. 25.

uma olaria, cujos tijolos eram embarcados no rio Guaíba e transportados até o centro da cidade¹⁰.

Conforme Hilda Flores, não é fácil saber como se desenvolveram, exatamente, as fazendas daquela época, pois a documentação é escassa. Porém, é certo que as terras dos primeiros sesmeiros eram destinadas à criação, maneira eficiente para ocupar efetivamente o território do Rio Grande de São Pedro. E era isso que queria a coroa portuguesa, em função de sua política expansionista. “A estância de criar foi a célula-mãter da vida social e política do Rio Grande do Sul” ¹¹.

O estancieiro era uma espécie de senhor feudal nos campos da Capitania de São Pedro, onde a criação de gado significou uma das mais importantes fontes da economia do estado. O produto da atividade pecuária era destinado, principalmente às charqueadas que floresceram em diversos locais do Rio Grande do Sul. Esse é o caso da charqueada do Morro do Cristal, situada dentro da sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes.

Para Érico Pinheiro Fernandez, “o assentamento dos sesmeiros na região de Porto Alegre, assim como o trabalho daqueles que os sucederam, pode ser dividido em duas fases distintas: uma de ocupação e a outra de povoamento propriamente dito” ¹². Conforme esse autor, a primeira fase se caracterizou pelo desenvolvimento de atividades agropastoris, com tarefas essencialmente ligadas a terra. Nesse período, a região sul da cidade configurou-se por grandes vazios ou imensas estâncias de produção agropecuária como é o caso da fazenda de Dionísio Rodrigues Mendes. Com o propósito de ilustrar essa dicotomia

¹⁰ LORENZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 abr. 2011. [Primeiro pároco do Santuário de Nossa Senhora Aparecida em Ipanema, de 01 de fevereiro de 1959 a 31 de dezembro de 1968].

¹¹ SPALDING, Walter. Pequena história de Porto Alegre. Porto Alegre: Sulina, 1967, p. 22.

¹² FERNANDEZ, Érico Pinheiro. Zona Sul de Porto Alegre: pensar hoje o que será ontem. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 252.

ocupação/povoamento, Érico Pinheiro Fernandez recupera informações sobre a grande fazenda de Dionísio:

Possui um campo, e sua fazenda que está estabelecido há 50 anos, por ser um dos primeiros povoadores de Viamão, cujo campo terá pouco mais ou menos duas léguas de extensão, e tem em sua companhia alguns filhos, e genros agregados, que todos vivem da lavoura e criação de animais. Possui 300 cabeças de gado, 6 bois, 12 cavalos, 100 éguas e 25 potros¹³.

A partir de informações do próprio sesmeiro, obtidas no recenseamento de 1785, a historiadora Hilda Flores tece a seguinte observação:

A casa senhorial, erguida com tijolos fabricados em olaria própria, paredes grossas com poucas aberturas, no estilo da arquitetura colonial açoriana; acomodações para os escravos, que todo o sesmeiro possuía para o serviço de lavoura e pastagem de animais, ranchos, currais, olarias. Além dos escravos de origem africana que os fazendeiros em geral possuíam, na de Dionísio havia também índias administradas, que se ocupavam com o serviço doméstico¹⁴.

A sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes delimitava-se a oeste pela costa do Guaíba, a leste por Belém Velho, ao norte pelo Arroio do Salso e ao sul pelo Arroio Cavalhada – limites com a sesmaria de Sebastião Chaves. Eram terras que abrangiam grandes extensões, incluindo áreas de encostas de morros, Mata Atlântica, campos, arroios e a orla do Guaíba. Porém, desconhecendo o valor de tanta terra, Dionísio nunca formalizou a posse de suas propriedades, como era de hábito naqueles tempos. Por muitos anos, conservou as terras, sem venda e sem partilha

¹³ Documento do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e Arquivo Histórico do Estado, citado por Rubem Neis no Zero Hora, Porto Alegre, 12 jun. 1989, p. 33. (FERNANDEZ, E. P. Zona Sul de Porto Alegre: pensar hoje o que será ontem. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 253).

¹⁴ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 16.

oficial. Apenas um lote de sua vasta propriedade teve de ser desapropriada por determinação real, conforme explica Hilda Agnes Hubner Flores:

Apenas à época da formação do primeiro loteamento de Porto Alegre mandado proceder por determinação de José Marcelino de Figueiredo em 1772, Dionísio teve permutada por outra, uma área situada próximo ao arroio Cavallhada, no bairro do mesmo nome, para servir de Fazenda Real. Da guarda de bois e cavalos do serviço real da mesma vila que pelo seu uso ficaram denominando o Campo da Cavallhada¹⁵.

Com o passar dos anos, as terras de Dionísio foram ocupadas por herdeiros, todos explorando a lavoura e a criação de gado. E isso se estendeu até a data da morte do sesmeiro em 1791 e de sua esposa, Beatriz Barbosa Rangel em 1794. Assim, as terras deixadas por Dionísio perpetuaram-se em seus filhos, genros e netos, como é o caso de André Bernardes Rangel, filho de Dionísio e, de José da Silva Guimarães Tristeza, cuja esposa era neta do grande sesmeiro. As terras de André originaram os atuais bairros Ipanema, Pedra Redonda e Jardim Isabel, e as de José da Silva, os bairros Vila Conceição, Vila Assunção e Tristeza.

Em 1826 faleceram sogro e genro, ou seja, André Bernardes Rangel e José da Silva Guimarães Tristeza. Parte de suas terras, aquelas correspondentes ao centro do bairro Tristeza, foram compradas por Manoel José Sanhudo, tio dos menores órfãos, e que já possuía, por herança, uma gleba de terras ao sul das de Guimarães Tristeza. Com o falecimento de Sanhudo em 1854, as terras que englobam o centro do bairro Tristeza, passaram por herança aos filhos¹⁶.

O problema da falta de registro oficial das terras se agravou, gerando ações na Justiça, o que provocou a medição das

¹⁵ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 17.

¹⁶ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 20.

propriedades. O fato legou à história um mapa que data de 1833. Nele é possível identificar as poucas fazendas na região, entre elas as de André Bernardes Rangel e de José da Silva Guimarães Tristeza. “Em toda a área praieira havia em 1833 apenas 14 residências, ou seja, 14 pequenos núcleos humanos, contando, cada um com moradia dos filhos e descendentes de André Bernardes Rangel”¹⁷. No século posterior surge na região (hoje bairro Ipanema) uma família de descendentes de portugueses – era a grande fazenda do Juca Batista, analisada a seguir.

2.2 O Passo do Capivara: a grande fazenda de Juca Batista

Durante muitos anos, o Capivara, arroio que cortava a sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes, serviu como demarcador das terras dos primeiros estancieiros. As águas do arroio faziam fronteira entre as escassas fazendas e o Lago Guaíba. Dizem os mais antigos que o nome deriva do fato de existirem na região muitas capivaras, animal típico do sul do Brasil, cujo habitat são as proximidades dos rios e arroios. O fato é que o arroio Capivara serviu, durante muitos anos, à população local, ajudando a desenvolver a economia da zona sul da cidade.

As águas, provenientes de fontes dos Bairros Vila Nova e Belém Velho, eram utilizadas para irrigar a plantação e dar de beber ao gado leiteiro. Entre essas poucas fazendas existentes no local, encontrava-se a gleba de João Batista de Magalhães, mais conhecido por Juca Batista. Situada onde é hoje grande parte do bairro Ipanema, a chácara de Juca Batista foi símbolo de prosperidade e opulência na região.

De origem portuguesa, Juca Batista tornou-se um próspero comerciante na Zona Sul. Juntamente com sua esposa, Otília Flores de Magalhães, Batista empreendeu nas terras deixadas por seu pai,

¹⁷ FLORES, Hilda Agnes Hubner. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979, p. 27.

cerca de 80 hectares, um império fundamentado no trabalho e na ajuda ao próximo. Era a vida organizando-se em torno das estâncias, símbolo do gaúcho e do Estado.

Adorador dos naturais matos existente entre os morros, ele dedicava-se ao cultivo de árvores frutíferas, plantava roças das mais diversas culturas e tinha tambo de leite, garantindo o sustento da família e de seus funcionários que lá residiam, assim como o dos contratados pelas imediações¹⁸.

\Nascido em 29 de setembro de 1870 em Belém Velho, Juca Batista soube aproveitar a prodigiosa natureza da região, desenvolvendo a plantação de árvores frutíferas e a criação de gado leiteiro. A extensão de suas terras abrangia desde o Belém Velho até o atual bairro Ipanema. Sua residência ficava nas imediações da avenida que hoje leva seu nome, estrada que, no passado, apesar do chão batido, era a única possibilidade de deslocamento entre o centro e a zona sul da cidade. O asfalto só viria bem mais tarde, na década de 1930, uma iniciativa do então vereador Flores da Cunha, na época, padrinho de Juca.

Também eram limites de suas terras, a Lomba do Capitão Alexandre, atualmente conhecida por Estrada da Cavallhada¹⁹ e as terras de Bernardo Dreher²⁰, onde hoje está a Pedra Redonda, o Jardim Isabel e o Morro do Osso.

Por muitos anos, Juca Batista empreendeu ações em prol da comunidade carente, tanto de sua região como nas vizinhanças. Deslocando-se, de barco, pelo Guaíba, fornecia produtos oriundos de sua fazenda a outras regiões da cidade. Em 1896, presenteou aos pioneiros colonos italianos da Vila Nova (hoje bairro vizinho a

¹⁸ JUCA BATISTA, uma vida de doação. Jornal CS Zona Sul, 1 quin. abr. 1997. p. 5.

¹⁹ A Estrada da Cavallhada situada no Bairro Ipanema liga as avenidas Juca Batista e Cavallhada.

²⁰ No início do século vinte, as terras onde hoje se encontra o Bairro Jardim Isabel pertenciam a Bernardo Dreher e sua família. O local abrigava uma próspera chácara, responsável pelo abastecimento de produtos hortigranjeiros à população local. Mais informações no Blog Janete & Porto Alegre. Disponível: <https://janeterm.wordpress.com/>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Ipanema) com as primeiras mudas de árvores frutíferas e também de verduras. Eram os primórdios do povoamento naquele lugar.

Figura 1 - Família de Juca Batista



Fonte: Acervo da Família Magalhães.

Por meio de um trabalho social Juca Batista ajudava a manter algumas instituições de caridade, entre elas a Santa Casa de Misericórdia, o Pão dos Pobres e o Asilo Padre Caciue, desenvolvendo assim, seu lado filantrópico. Em plena Segunda Guerra Mundial, diante da crise e do racionamento de alimentos, Juca entregava ranchos aos pobres das vizinhanças. Em 1917, teria recebido do exército brasileiro uma faca de ouro gravada com agradecimentos. Na ocasião, o fazendeiro permitiu a utilização da beira do Guaíba²¹, parte integrante de sua propriedade, para os soldados em treinamento militar.

Juca Batista foi ainda fundador da primeira casa comercial no bairro, a “Ferragem Juca Batista”, possibilitando aos moradores locais o acesso a diversificados produtos. Inaugurada em 1878, a

²¹ Anos depois, na beira da praia, as terras de Juca Batista transformaram-se no Balneário Juca Batista.

antiga casa de campanha era o local onde se podia comprar de tudo: desde o alfinete até alimentos perecíveis como açúcar e o café. Era um estabelecimento típico de “secos e molhados”, onde a população local recorria sempre que necessitava. “Juca Batista doou uma parte de suas terras para a construção do cemitério da Vila Nova”²². Anos mais tarde, ele cedeu outro lote para edificação da escola pública no bairro, hoje denominada de Escola Estadual Odila Gay da Fonseca, a qual abriga alunos desde o fundamental até o ensino médio.

Hoje, o nome de Juca Batista é lembrado em avenida e linha de ônibus que liga Ipanema ao centro de Porto Alegre, uma forma de homenagear aquele que foi um dos primeiros empreendedores da região. A seguir as histórias do Comendador Castro e de seu casarão de lazer erguido em terras de Juca Batista.

2.3 Surge a ideia do veraneio: o casarão do comendador castro

No final do século dezenove, como em todos os grandes centros, nota-se uma tendência por parte da população mais abastada em habitar certos bairros considerados mais aristocráticos. Em Porto Alegre, isso não foi diferente, e os bairros escolhidos foram o Menino Deus e a Independência. O bairro Independência se configurava, na ocasião, como um prolongamento da artéria principal, a Rua da Praia, e o Menino Deus, embora mais afastado, também atraía devido à proximidade com o Guaíba.

Eram arrabaldes que chamavam a atenção pelas sofisticadas moradias onde residia uma aristocracia originária do alto comércio, das finanças e da indústria gaúcha.

Essa mesma elite residente, nos meses de janeiro e fevereiro, devido ao forte calor, mudava-se para outro espaço da

²² MAGALHÃES, Teresa Terra. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 10 jul. 2012. Porto Alegre [Teresa foi casada com Walter Magalhães (já falecido) neto de Juca Batista].

cidade, a Zona Sul, local onde possuíam confortáveis vivendas de verão à beira do Guaíba. Naqueles tempos, as águas limpas do lago e a natureza bastante preservada atraíam a população da “urbe”. Entre as finas residências, uma chamava a atenção da população local: o casarão de Antônio Francisco de Castro, mais conhecido por Comendador Castro, situado hoje na rua do mesmo nome no bairro Ipanema.

Nascido em Portugal em 1872, Castro veio ainda moço para o Brasil a fim de dedicar-se ao comércio. Tinha apenas doze anos de idade quando chegou ao Estado. Durante anos, trabalhou muito, adquirindo a prática necessária para empreender o seu próprio negócio. Com o passar do tempo, tornou-se um dos grandes proprietários de imóveis em Porto Alegre. A atividade comercial principiou com uma firma de exportação e importação.

Tempos mais tarde, Castro diversificou seus negócios adquirindo armazéns de Secos e Molhados no centro da cidade, bem como de um trapiche na beira do Guaíba. Na virada do século, já era um dos homens mais ricos de Porto Alegre. Foi diretor do Banco da Província do Estado do Rio Grande do Sul e presidente da Beneficência Portuguesa em dois momentos (1907 e 1924).

Castro também exerceu por muitos anos o cargo de Cônsul de Portugal no Estado, por isso seu título de Comendador. Em 1891 casou-se com Cecília Vasconcellos de Castro. Desse enlace matrimonial resultaram sete filhos: dois homens e cinco mulheres.

Conforme seu neto, João Lydio do Castro, o comendador comprou, ainda no século dezenove, as terras em Ipanema, local conhecido por Passo do Capivara – onde ficava a grande fazenda de Juca Batista.

A busca por ares mais saudáveis, e um lugar para o lazer, levou-o a compra da chácara, local onde construiu sua residência de veraneio, um casarão (na época) à beira do Guaíba, disponibilizando, assim, um amplo e confortável espaço destinado ao descanso da família.

Figura 2 - Casarão do Comendador Castro



Fonte: Acervo de João Lydio de Castro.

Sobre esse assunto, relembra o neto:

O vovô comprou a chácara para o lazer mesmo. Ele tinha muito dinheiro. Era para o verão e férias. Quase sempre para os fins de semana. Quando chegava janeiro e fevereiro a gente ia prá lá. Eu tomei muito banho no rio, a água era boa. Em frente à casa da chácara tinha um lago. Minha mãe remava ali. Tinha barco e tudo. Eu me lembro²³.

Nascido em 1927, João Lydio de Castro conviveu apenas dois anos com o avô. Em 1929, com o falecimento do Comendador, foi aberta a rua que hoje tem seu nome nas terras que deixou a seus herdeiros no bairro Ipanema. Na década de 1930, a família vendeu parte da propriedade a Oswaldo Coufal, o loteador do balneário Ipanema: “O vovô vendeu as terras para o Coufal, era um chácara de verão que dava fundos para a praia e para as terras do Juca Batista”²⁴. A residência (o casarão), porém, permaneceu ainda com

²³ CASTRO, João Lydio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 nov. 2013.

²⁴ CASTRO, João Lydio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 nov. 2013.

a família de Castro que a alugou para a instalação da primeira escola do bairro, a qual se denominou “Passo do Capivara”.

Segundo depoimento da professora aposentada Maria Hilma Cristóvão, o ensino no bairro remonta a essa escola localizada no antigo casarão do Comendador. Tempos mais tarde a escola foi transferida para a Avenida Tramandaí com o nome de Grupo Escolar José de Anchieta. Depois surgiu o Ginásio Ipanema, e, posteriormente, a Escola Estadual de Primeira e Segundo Grau Odila Gay da Fonseca. Ainda conforme lembranças da professora e antiga moradora do bairro, o local também abrigou uma pensão e, posteriormente, um comércio, pois vendia pedras semipreciosas do Rio Grande do Sul. Sobre as escolas de Ipanema relembra a professora:

As minhas crianças eram todas pobres, filhos de caseiros, porque aqui era zona de veraneio e eles não tinham condições de frequentar depois da quinta série, pois as despesas com ônibus eram grandes. Eu comecei lecionando no José de Anchieta que era só até a quinta série. Era Grupo Escolar José de Anchieta. Ali já foi a terceira sede, porque a primeira foi onde hoje é o Balestrim, onde passava o Arroio Capivara, ali na Cavallhada. Mas ali era muito pequeno. Aí ele passou para a Rua Comendador Castro no casarão. Somente em 1953 foi construído pelo então secretário da educação Sucupira Viana o Grupo Escolar José de Anchieta. E eu vim lecionar aqui em 1965.²⁵

Atualmente, o casarão do Comendador ainda existe, apesar do abandono e do estado precário em que se encontra, ergue-se imponente e vivo na memória dos mais velhos. A importância deste prédio reside em seu valor histórico, pois ele retrata uma época em que o bairro Ipanema não passava de uma zona rural de Porto Alegre. Um grupo ligado ao patrimônio histórico e cultural da cidade está tentando recuperar o espaço, transformando-o em

²⁵ CRISTOVÃO, Maria Hilma. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 13 nov. 2013.

um centro cultural do bairro Ipanema²⁶. Recuperar este espaço é sinônimo de uma busca que deve se concretizar no resgate da memória urbana. É uma iniciativa que corrobora para o entendimento da história da formação da cidade, que possui um significativo acervo de prédios e bens patrimoniais importantes, os quais precisam ser conhecidos, e, principalmente, preservados.

2.4 Vizinhanças: o Morro do Sabiá e a Chácara da Vila Clotilde

No início do século dezenove, as terras que hoje compõem o Morro do Sabiá²⁷ pertenciam ao Barão Von Seidel, um nobre que construiu uma platibanda sobre a figueira mais alta do morro. O objetivo era o de assistir as embarcações entrarem no Guaíba, entre elas, aquelas que traziam imigrantes (alemães e italianos) a Porto Alegre. Eram viajantes que, ao visitar a região, deixaram importantes testemunhos acerca da história da cidade, conforme revela Sergio da Costa Franco:

O relógio indicava 5 horas, na pálida luz crepuscular, o continente apresentava-se em forma de vistosos morros escuros à direita e à esquerda. Estávamos na Ponta de Itapuã, na ponta sul da larga península, que, na extremidade norte da Lagoa dos Patos, salta para dentro do lago, separando-o, assim, em duas bacias (...) por todos os lados cercavam-nos morros de formas suaves, cobertos de florestas (...), uma ilha minúscula formada quase somente por uma enorme pedra de branco reluzente, à qual foi anexada uma

²⁶ Ciente da necessidade de criação de um centro cultural no bairro Ipanema e motivados pela possibilidade de vê-lo funcionar no antigo prédio que pertenceu ao Comendador Castro, surgiu um grupo de trabalho que está dado prosseguimento ao projeto. A partir da necessidade e da vontade dos moradores locais, o projeto do Centro Cultural de Ipanema passa a ser levado adiante por profissionais voluntários (estudantes, pesquisadores, arquitetos, promotores de eventos, contadores, professores, advogados, etc.) e junto à principal entidade representativa dos moradores locais, a AMBI - Associação dos moradores do bairro Ipanema (MORALES, Márcia. Projeto Cultural do Bairro Ipanema. Porto Alegre, 2013).

²⁷ Localizado nos limites entre o bairro Ipanema e a Pedra Redonda à beira do Guaíba, a elevação possui 41 metros de altitude e 5 hectares de área verde nativa.

construção semelhante a uma fortaleza, bem como uma colônia militar penal²⁸.

Tempos mais tarde, todo o Morro do Sabiá foi adquirido por Oscar Bastian Meyer, um rico comerciante, proprietário de imóveis e lojas no Centro da Cidade. Relata a família que, antes das terras serem de Oscar, elas pertenciam a Otto Niemeyer, nome conhecido na Zona Sul. No final dos anos 1920, durante a administração de Alberto Bins (1928/1937), com as transformações de Porto Alegre, Meyer obrigou-se a vender seus prédios situados no centro. A abertura de novas ruas, de avenidas e a construção do Viaduto Otávio Rocha exigiu a demolição de suas lojas que ficavam no meio do caminho (atual Avenida Borges de Medeiros).

O historiador e professor da PUCRS Charles Monteiro analisa esse momento vivido pela sociedade porto-alegrense como de transformação dos espaços de sociabilidade pública na área central e bairros contíguos: “(...) por causa da abertura de avenidas (...) causou a destruição de prédios e espaços ligados às experiências urbanas da sociedade porto-alegrense no passado”²⁹. O que provocou, conforme Monteiro, um movimento dos intelectuais da época, em defesa da preservação desses prédios.

Apesar da reação contrária à demolição, liderada por intelectuais da época, os imóveis de Oscar foram demolidos. Com o dinheiro da indenização ele pode comprar as terras em Ipanema, então localizadas no Morro do Sabiá. Nem sonhava ele que um dia o local se transformaria na “Vila Clotilde”, uma linda chácara,

²⁸ A minúscula ilha que fala o viajante é a Ilha das Pedras Brancas, situada entre o bairro Ipanema e a cidade de Guaíba. Local em que se descortinaram vários fatos históricos ao longo dos tempos. Entre os anos de 1857 e 1869, o governo construiu ali duas casas para servir de depósito de munição. Também por ter sua ótima localização e uma visão privilegiada, servia para monitorar as embarcações que entravam no Guaíba. Na década de 1960, a ilha foi transformada num presídio de segurança máxima com o objetivo de abrigar presos políticos. Observações da viagem de Bernhard Schwarz (FRANCO, Sérgio da Costa. Os viajantes olham Porto Alegre. Santa Maria: Anatterra, 2004, p. 73).

²⁹ MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 347.

às margens do Guaíba, homenagem a três gerações de mulheres da família.

A chácara dos Meyer, antes apenas um extenso matagal, tornou-se modelo em Ipanema. Um lugar refinado e com ares de parque europeu. Foi Oscar, o primeiro plantador de coníferas da região, arborizando um grande espaço e preservando a magnífica Mata Atlântica. Chamado de louco pelos amigos por ter se enfiado naquele fim de mundo que era a Zona Sul, ele plantou, juntamente com um grupo de jardineiros, toda a grama (relva inglesa) dos jardins da Vila Clotilde.

A chácara abrangia uma extensa montanha verde, desde a antiga Estrada da Pedra Redonda, hoje Avenida Coronel Marcos de Andrade, até a beira da praia que, na época, apresentava águas limpas, boas para o banho. Uma vez que o desejo de Oscar era uma casa de veraneio para a família, o lugar era perfeito e serviu durante muitos anos às gerações dos Meyer. A família de Oscar era composta pela esposa Clotilde e por Lya, a filha única. Lya tornou-se conhecida nos meios culturais da cidade por sua importância na dança clássica.

Primeira bailarina clássica do Rio Grande do Sul, Eliane Clotilde Bastian Meyer, mais conhecida por Lya Bastian Meyer, foi também pioneira no ensino da dança no Estado e a bailarina número um do Teatro São Pedro na década de 1930. . Coreógrafa dos próprios números, ela se apresentava no Brasil e no exterior. Chegou a dançar em Berlim, pouco antes da Segunda Guerra, quando foi estudar os fundamentos do balé russo na Alemanha. Foi com ela que a cidade de Porto Alegre conheceu o verdadeiro balé clássico. Os ensaios da bailarina aconteciam nos jardins da chácara na Zona Sul. A estes Lya nomeava de “O Bosque Encantado”. Nos dias mais quentes de verão, Lya e suas amigas e alunas aproveitam as águas do Guaíba para um banho refrescante.

Figura 3 - Lya (sentada à esquerda) na praia da chácara/1930



Fonte: Acervo da Família Schmitz.

Na realidade, nasceu na chácara de veraneio, o seu gosto pelas artes e pela natureza, mediado pela disciplina e pelo talento de jovem oriunda de imigrantes alemães e de uma classe social em ascensão. Os pais incentivam o talento da menina Lya, o qual foi descoberto por Nenê Dreher Bercht, professora, diretora do Instituto de Cultura Física de Porto Alegre (ICF) e vizinha de Lya. Lya era uma promessa diante dos olhos especialistas de Nenê, responsável pela inserção das mulheres no campo das práticas corporais, incentivando a formação das precursoras da dança na cidade de Porto Alegre.

Repetidas vezes, Lya e suas parceiras de dança eram fotografadas pelas lentes de fotógrafos de jornais e revistas da época, entre elas a *Revista do Globo*, na propriedade da Zona Sul. A imagem congelada no tempo transmite hoje informações de uma era que vai longe. Um verdadeiro encontro com o passado. “No maravilhoso parque da Vila Clotilde, no Ipanema, a professora Lya

Bastian Meyer e duas das alunas mestres de sua esplendida Escola de Bailados dançam sob o sol, numa clara evocação da Grécia”³⁰.

No verão de 1938, a Vila Clotilde foi o cenário de um movimentado evento social que mobilizou a alta sociedade Porto-Alegrense daquela época. Na ocasião, foi oferecido a Darci Vargas, então primeira dama do País, um Garden Party, uma festa nos jardins da propriedade. Para abrilhantar a recepção, senhoras e senhoritas, devidamente acompanhadas, desfilaram elegantes trajes, com direito a chapéu e finas luvas de seda. Nas mesas, dispostas pelos jardins da propriedade, arranjos de flores e frutas ajudavam a dar o tom de glamour àquela ocasião tão especial. A cobertura jornalística não poderia deixar de ser feita, e para isso a Revista do Globo se fez presente. Em uma das fotos da revista, a legenda informava: “A sra. Darci Sarmanho Vargas, no jardim da Vila Clotilde em Ipanema, acompanhada por senhoras e senhorinhas da sociedade de Porto Alegre”³¹

Tempos mais tarde, diante de dificuldades para administrar tão extensa área (todo o Morro do Sabiá), Lya vendeu parte da propriedade a terceiros. Entre os compradores estavam a Fundação Ruben Berta – Associação dos funcionários da extinta VARIG (Viação Aérea do Rio Grande do Sul), no início dos anos 1970, a Associação dos Antigos Alunos Maristas de Porto Alegre, hoje Colégio Marista Ipanema, no final dos anos 1950.

E o topo do morro passou a ser de uso exclusivo dos alunos e professores do Colégio Anchieta, aquisição feita em 1949. O centro da chácara, onde se avista a linda moradia, uma casa de cinema em estilo alemão, ainda permanece com a família. Conforme relato de Maria Helena Luce Schmitz, nora da bailarina:

Um fato curioso envolveu esta venda. Eu frequentava o Instituto Cultural Norte Americano, cuja bibliotecária Dona Haydée Leão Madureira era amiga da Lya. Pois bem, em uma tarde, após uma

³⁰ Visões do bosque encantado. Revista do Globo, Porto Alegre, ano XI, n. 248, p. 11, 25. Mar.1939.

³¹ Garden Party. Revista do Globo, Porto Alegre, ano X, n. 221. 29 jan. 1938.

revisão médica, eu passei por lá. Ela, um tanto constrangida, perguntou-me se era verdade que parte da chácara estava sendo vendida. Respondi-lhe que sim, e que o arras seria assinado às dezessete horas. Ela então perguntou se eu sabia quem seria o comprador. Dei o nome de uma instituição conhecida, e acrescentei que eles construiriam ali um local para abrigar pessoas especiais. Só então ela revelou que a dita instituição estava servindo de “testa de ferro” para um cemitério arborizado e com crematório³².

Maria Helena, ao relatar esse sinistro fato, concluiu aliviada que, felizmente, houve tempo para desfazer o negócio e o encantador e histórico Morro do Sabiá continuou sendo dos vivos, para a alegria dos moradores de Ipanema e das redondezas. Permaneceu um lugar aprazível, onde a natureza ainda cumpre a função de encantar, respeitando o desejo daquele que não só acreditou no sonho, mas também, insistentemente trabalhou no intuito de concretizá-lo. É importante que se diga que a Vila Clotilde encantou, como ainda encanta os porto-alegrenses e visitantes de Ipanema.

A chácara onde viveu Lya ainda existe e atualmente serve aos descendentes, entre eles, Henrique, filho da bailarina, sua esposa Maria Helena Luce Schmitz, seus filhos e netos. Sobre isso recorda Maria Helena: “Faz 39 que eu moro aqui. Durante muitos anos vivi com minha sogra, a bailarina Lya Bastian Meyer”³³.

A seguir a trajetória de Oswaldo Coufal e seu empreendimento na Zona Sul: o balneário Ipanema.

³² SCHMITZ, Maria Helena Luce. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 07 mar. 2011.

³³ SCHMITZ, Maria Helena Luce. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 07 mar. 2011.

Capítulo 3

A urbanização do bairro Ipanema

3.1 Sociedade de terrenos Balneário Ipanema Ltda: o loteamento de Oswaldo Coufal

Sobre os primeiros tempos do bairro Ipanema e seu processo de loteamento, revela Roberto Pellin em sua obra sobre a Tristeza. Segundo este autor, as terras onde hoje está assentada parte do bairro foram compradas pelo seu pai nos anos 1920. “Em 1926, fomos morar na Serraria, de onde foram extraídas as pedras para a construção do Cais do Porto. Nesta época ele comprou uma área onde é hoje Ipanema”¹.

Os limites dessa imensa propriedade eram, de um lado, a grande margem do Guaíba, formando a enseada, desde as terras do seu João Batista Magalhães, o Juca Batista, indo até o outro lado, ou seja, os eucaliptos da Chácara das Flores, de propriedade do seu Otto Niemayer, hoje, Rua Déa Coufal.

Tempos mais tarde, toda a região foi comprada pelo grupo de empreendedores formado por Oswaldo Coufal e os irmãos Agrifoglio. Já prevendo a possibilidade de crescimento do novo bairro que surgia, apresentaram à família Pellin, um projeto de loteamento, objetivando a compra de toda a região. “Lembro-me que eles abriram um mapa sobre a mesa e mostraram o projeto do balneário, dizendo que já estava tudo aprovado pela prefeitura”².

¹ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1996, v. 2, p. 148.

² PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1996, v. 2, p. 148.

Corria o ano de 1930 e após algumas investidas do grupo, pois a família oferecia resistência à venda, as terras onde estava o coração do bairro foram vendidas. Tão logo se fechou o negócio, iniciaram-se as obras na região. “Posteriormente retornei ao local várias vezes, assistindo às obras. Não havia máquinas. Todo o trabalho era braçal, feito com enxadas, pás e carrinhos de mão, rodando sobre filas de tábuas, para remover a terra, no preparo das ruas”³.

Para facilitar o processo de loteamento e venda dos terrenos foi feita uma “obra faraônica”, como diz Padre Antônio: “*desviar o curso do arroio Capivara, abrindo um valão de 460 metros lineares até atingir o Guaíba e aterrar o antigo. Essa façanha marcou o início das obras do Balneário Ipanema*”⁴. Também foram feitas outras obras de infraestrutura na região, entre elas, a abertura da Avenida Coronel Marcos, via que ligaria o novo bairro ao centro de Porto Alegre.

Em 1931, Coufal e sócios adquiriram também a propriedade de Otto Niemeyer. Os lotes foram negociados pela Sociedade de Terrenos Balneário Ipanema LTDA, representada por Manlio Prati Agrifoglio, Ariosto Agrifoglio e Oswaldo Coufal. Niemeyer, por sua vez, havia adquirido essa área, em 1924, de Antônio José Flores.

Conforme jornal da época:

Em 1924, Otto Niemeyer, comerciante na Tristeza e sua esposa, dona Amália, compraram de José Abuzzino e sua esposa, dona Deothilde, uma faixa de terras no Passo do Capivara, quinto distrito de Nossa Senhora de Belém Novo. Em seguida, Otto adquiriu também as terras de Antônio José Flores, ficando de posse de tais áreas durante sete anos, até, em 1931, vendê-las ao doutor Oswaldo Coufal, engenheiro e empresário de Porto Alegre⁵.

³ PELLIN, Roberto. Revelando a Tristeza. Porto Alegre: Metrópole, 1996, v. 2, p. 148-149.

⁴ LOREZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 abr. 2011.

⁵ MUSEU HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSES VELLINHO. O Antigo Passo da Capivara. Jornal da SABI, 06 out. 1999.

Todas as terras compradas no negócio foram loteadas para a formação do bairro e do balneário Ipanema. Segundo o ofício de Registro de Imóveis do Município de Porto Alegre:

A Sociedade de Terrenos Ipanema LTDA vem declarar que é possuidora do imóvel constante de um terreno denominado Balneário Ipanema, sito no 6º distrito, 2ª zona desta capital, lugar denominado Ipanema (...) que o plano de loteamento foi aprovado pela prefeitura como prova a planta do documento nº 2. Que a planta citada e o respectivo loteamento foram executados pelo engenheiro Oswaldo Coufal⁶.

Oswaldo Coufal, o idealizador do empreendimento na Zona Sul, nasceu em Pelotas, no dia cinco de novembro de 1899. Formou-se em engenharia civil em 1922 e, em 1931, já constituía sociedade com os irmãos Agrifoglio. As primeiras moradias bem construídas de Ipanema foram justamente as de Coufal e da família Agrifoglio, erguidas na Avenida Guaíba. O objetivo desses empreendedores era transformar uma grande área rural à beira do lago, outrora fazendas de cultivo de arroz e de criação de gado, em um balneário confortável para veranistas que residiam no centro da cidade.

⁶ ACERVO da Família Coufal. Registro de Imóveis do Município de Porto Alegre. Documento datado de 12/04/1938.

Figura 4 - Casa de Coufal em construção/Ipanema/1931



Fonte: Acervo da família Coufal.

Assim, toda a área foi lentamente urbanizada. A pavimentação das ruas foi feita com pedra irregular extraída das pedreiras existentes na região (Serraria e Tristeza), e o serviço de captação e distribuição de água para as casas de veraneio era feito, inicialmente, direto do Guaíba, e posteriormente, por meio de poços artesianos e de um grande reservatório construído na praça central (em frente à Capela Nossa Senhora Aparecida). A energia elétrica era distribuída a partir de um gerador próprio e por um tempo limitado de uso diário. Desta forma, os meses de veraneio, férias e calor eram ansiosamente aguardados por todos aqueles que gostavam de Ipanema e que tinham casas na região.

O Rio de Janeiro foi a inspiração do loteador ao dar nome às ruas e ao balneário, que queria ver transformado em ponto turístico. Coufal adorava a capital carioca e levava a família para passar férias no bairro da Urca. Assim, ele se utilizou de um suposto imaginário ligado à Cidade Maravilhosa para criar e divulgar o novo bairro. O nome Ipanema foi uma homenagem à conhecida praia carioca, da

qual gostava muito. Rua da Gávea, Leblon, Flamengo e Leme, entre outras, faziam parte do novo balneário.

As praias do litoral gaúcho também foram lembradas pelo loteador Oswaldo Coufal na configuração do novo bairro. Assim, alguns balneários emprestam seus nomes às atuais ruas de Ipanema, entre eles: Atlântida, Capão da Canoa, Cidreira e Torres. Porém, nem todos na época, simpatizaram com os novos nomes designados por Coufal. Augusto Meyer, escritor e poeta, na tentativa de reconstruir o passado nos arrabaldes da longínqua Zona Sul, valeu-se da memória pessoal para tecer críticas aos nomes adotados pelo loteador:

E por que Ipanema, isto é, a água ruim, o pesqueiro imprestável? Os nomes indígenas são como uma luva no dedo adaptam-se ao acidente natural com uma propriedade admirável, que é fruto da experiência. De sorte que Ipanema, nome aplicado a uma água tão boa, é uma clamorosa confissão de macaquice, um verdadeiro deboche de arremedo.⁷

Para Meyer, o nome Ipanema nada mais era do que uma imitação sem sentido da cidade carioca:

Não é que eu não aceite o lado positivo da imitação, como um dos grandes elos da cadeia da solidariedade; E, se é caso de arremedar os nomes cariocas sem o mais leve respeito pela proporção das cousas, sem contar a escandalosa parcialidade da natureza, que é a paisagem do Rio de Janeiro, reclamarei contra a falta do meu nome para ornamento de todo um subúrbio porto-alegrense.⁸

O escrito, entretanto, jamais poderia supor que seu nome seria, anos mais tarde, lembrado em avenidas, bibliotecas, escolas e

⁷ MEYER, Augusto. No tempo da flor. Edições O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1966, p. 136.

⁸ MEYER, Augusto. No tempo da flor. Edições O Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1966, p. 136-137.

salas de arte em todo o País. Uma homenagem justa a um memorialista que deixou como legado o traçado de uma planta subjetiva de Porto Alegre.

Divergências à parte, o entusiasmo de Coufal foi se consolidando e o bairro tomando forma, o que se observa na afirmação de Fernando Gay da Fonseca:

A formação do bairro, o loteamento foi na década de 1930 pelo Coufal, mas a configuração oficial, dos registros públicos foi em 1959, na Prefeitura. Porque na nossa escritura dos terrenos ainda é pelos balneários. Porque aqui são vários balneários. Até a ponte é Balneário Ipanema – que é o do Oswaldo Coufal. Da ponte até a próxima esquina na Avenida Oswaldo Cruz é Balneário Guaíba. Em seguida é Balneário Juca Batista. Depois vem Balneário Palermo e logo adiante Balneário Caiçara, até entrar no Espírito Santo e Guarujá. Todos pequenos, mas com profundidade⁹.

Fonseca descreve, desta forma, a configuração dos balneários no bairro Ipanema, nos anos de 1930.

3.2 Ipanema: bairro com jeito de cidade do interior

Com o passar dos anos, Ipanema foi se transformando e adquirindo aos poucos características de uma pequena cidade do interior. Com um plano de urbanização que incluía a igreja, as praças e a escola pública, a remodelação ficou a cargo do mesmo projetista da Praia de Imbé. Engenheiro e projetista, Ubatuba de Faria¹⁰ traçou ruas arredondadas e preservou as matas, entre elas

⁹ MACHADO, Janete da Rocha. Ipanema nas melhores lembranças. Entrevista com Fernando Gay da Fonseca. Zero Hora, Porto Alegre, 04 mar. 2011. Caderno Zona Sul. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/zhzonasul/2011/02/28/entrevista-fernando-gay-da-fonseca/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

¹⁰ Ubatuba de Faria e Edvaldo Pereira Paiva em “Contribuição ao estudo da urbanização de Porto Alegre” (1938), pretendiam elaborar propostas para um Plano Diretor que orientasse o crescimento e a realização de reformas urbanas. (FARIA, L. A. U. E.P. Contribuição ao estudo da urbanização de Porto Alegre. Porto Alegre, Secretaria de Planejamento Urbano, 1938).

os majestosos e centenários eucaliptos, que se mantiveram no bairro até meados dos anos 1980.

A construção da capela de Ipanema iniciou com os incentivos de Déa César Coufal. Responsável por inúmeros trabalhos comunitários na região, Déa era esposa do engenheiro Oswaldo Coufal, e foi por intermédio dele que conseguiu o terreno para a igreja. Assim conta o Padre Antônio:

Pedi à sociedade loteadora a doação dos terrenos 1 e 58 da quadra 13, com frente para a praça central, Avenida Tramandaí e rua Leme. Isto lhe foi concedido. Estando assegurado a espaço para a construção do templo, dona Déa viajou para Aparecida, em São Paulo. Adquiriu uma estátua de Nossa Senhora Aparecida com as mesmas dimensões da original, pediu para que um sacerdote a benzesse dentro do Santuário Nacional¹¹.

Com os incentivos de Déa Coufal, o início das obras da capela de Ipanema data de 1935, e como padroeira foi escolhida Nossa Senhora Aparecida, que permanece até os dias de hoje. Conforme informações do pároco do bairro: “A pedra fundamental foi benta em 19 de janeiro de 1936. Com ajuda de todos, em um ano, ficou concluída, sendo inaugurada em 03 de janeiro de 1937: era um mimo da arquitetura colonial espanhola”¹².

¹¹ LOREZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 abr. 2011.

¹² HISTÓRICO do Santuário de Nossa Senhora Aparecida. Arquiteto responsável: Fernando Corona. Disponível em: <<http://www.aparecidapoa.com.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

Figura 5 - Ilustração de Carlos R. Rosa/ Capela Nossa Senhora Aparecida em 1937



Fonte: HISTÓRICO do Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

Sobre este assunto afirma o professor, historiador e morador do Ipanema, Harry Rodrigues Bellomo: “A capela tem uma trajetória muito longa, pois ela começa praticamente com o bairro. Era uma capela muito simpática, eu ainda conheci bem essa capelinha”¹³.

Infelizmente, a simpática capelinha, como define o professor Bellomo, não teria vida longa, pois junto à construção foram erguidos eucaliptos, cujas raízes, anos mais tarde, danificaram os alicerces da igreja. “Com o tempo, as raízes se alongaram e partiram os alicerces e as paredes. Como as fendas, foi pedido um exame à Secretaria de Obras Públicas. Em 30 de julho de 1960, após vistoria, as autoridades condenaram o prédio”¹⁴.

O padre Antônio Lorenzatto segue explicando o ocorrido com os eucaliptos do bairro:

¹³ BELLOMO, Harry Rodrigues. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 19 dez. 2008.

¹⁴ LORENZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, Ipanema 12 abr. 2011.

No local onde foi construída a capela havia um pântano, era um banhado. Por isso o cultivo de arroz pelos antigos fazendeiros. Para drenar a região, o loteador mandou plantar nas imediações da igreja, alguns eucaliptos. Não resolveu muito, pois tempos mais tarde toda a estrutura da capela ficou comprometida¹⁵.

Anos depois, sob a supervisão do padre Antônio Lorenzatto¹⁶ foi construída outra igreja, a atual. Conhecida por Santuário Nossa Senhora Aparecida, foi a primeira igreja em estilo arquitetônico moderno, construída em Porto Alegre. *“Às 10h do dia 08 de dezembro de 1967, festa da Imaculada Conceição, com o templo superlotado, Dom Edmundo Kunz celebrou a missa, e, após o Evangelho, leu com emoção, o decreto da criação oficial do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Ipanema”*¹⁷.

Eloy Terra analisa o trabalho comunitário de Déa Coufal no bairro Ipanema:

Entusiasmada com o novo bairro que começava a surgir em Porto Alegre, Déa via com alegria a possibilidade de concretizar ali seu sonho de participação comunitária. Passou então a desenvolver um programa de assistência às famílias necessitadas. Percorria as ruas recém-abertas numa charrete puxada por duas pequenas éguas, Rosilha e Boneca, levando alimentos, roupas e remédios. E levava também palavras de conforto, conselhos práticos de higiene e de prevenção de doenças¹⁸.

De fato, Déa Coufal não se destacou somente nas ações benemerentes, considerada uma mulher à frente de seu tempo, ela foi a segunda gaúcha a receber carta de habilitação. Trocou sua charrete por um automóvel Ford 39 que ela mesma nomeou de “Navalha”. Essa metáfora se deve ao fato de que, naquela época,

¹⁵ LORENZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, Ipanema 12 abr. 2011.

¹⁶ A paróquia foi criada por Dom Vicente Scherer em 23 de janeiro de 1959. Nesse período foi nomeado o primeiro pároco, Padre Antônio Lorenzatto, o qual tomou posse em 01/02/1959.

¹⁷ LORENZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, Ipanema 12 abr. 2011.

¹⁸ TERRA, Eloy. As ruas de Porto Alegre. Porto Alegre: AGE, 2002, p. 87.

sempre que um carro ultrapassava outro, chamava-se o condutor de navalha, aquele que tinha passado a faca. E com seu moderno carro, para a época, a jovem senhora se deslocava com maior rapidez, atendendo a todos que tinham necessidades.

Tempos depois, fundou a Casa da Criança Inválida, atualmente conhecida por Educandário São João Batista¹⁹. A instituição foi construída com os recursos de famílias ricas do bairro, entre elas, senhoras da sociedade, as quais assumiram o projeto juntamente com ela. A casa era destinada às crianças portadoras de deficiência física devido à paralisia infantil. Atualmente, a Rua Déa Coufal, uma avenida extensa, com aproximadamente dois quilômetros, presta homenagem à obra de Déa. O logradouro começa na Avenida Guaíba, cruza a Coronel Marcos e vai terminar na Avenida da Cavallhada. A respeito de Déa Coufal, Eloy Terra escreve:

Aos 63 anos, doente, viajou para o Rio de Janeiro para tratamento. E ali faleceu, no dia 8 de maio de 1967. Um ano e meio depois de sua morte, o Conselho Comunitário de Ipanema encaminhou um ofício à Câmara de Vereadores de Porto Alegre, pedindo a mudança do nome da Rua Ipanema para Rua Déa Coufal. E no dia 13 de dezembro de 1968 foi aprovada a lei que oficializou a troca do nome. A lei estabelecia que nas placas indicativas da Rua Déa Coufal deveria constar a seguinte legenda: *Benfeitora do Bairro Ipanema*²⁰.

A criação de uma escola pública foi outro dos projetos incluído no plano de urbanização do bairro, e o nome foi dado para homenagear Odila Gay da Fonseca, moradora da região e, assim como Déa Coufal, responsável por importantes trabalhos sociais e de assistência aos necessitados. Odila nasceu em Porto Alegre no dia 12 de outubro de 1895 e faleceu em 20 de julho de 1973. Desde

¹⁹ EDUCANDÁRIO SÃO JOÃO BATISTA. Disponível em: <<http://www.educandario.org.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

²⁰ TERRA, Eloy. As ruas de Porto Alegre. Porto Alegre: AGE, 2002, p. 90.

moça se interessou pelos movimentos e obras que se relacionassem à Pátria, à educação e à assistência social.

Na revolução de 1930, Odila Gay da Fonseca foi uma das primeiras gaúchas a se incorporar ao movimento liderado por Darci Vargas, a primeira dama da Nação, cujo objetivo era o de auxiliar as tropas revolucionárias e aos familiares dos voluntários. Fundadora da Cruz Vermelha Brasileira, da qual participou durante 25 anos, Odila assumiu a liderança no auxílio às vítimas da catástrofe da enchente de 1941. Conforme relembra seu filho:

Durante muito tempo, foi presença constante na ajuda, salvamento e recolhimento de agasalhos, alimentação e abrigo para os moradores de rua e população carente da cidade. Trabalhava sempre em parceria com autoridades, esposas de prefeitos, governadores e presidentes, entre eles, Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Flores da Cunha, Loureiro da Silva e Leonel Brizola. Odila promovia todos os anos, o natal da criança pobre²¹.

Figura 6 - Odila Gay da Fonseca



Fonte: Acervo de Fernando Gay da Fonseca.

²¹ FONSECA, Fernando Affonso Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 30 dez. 2010.

Para Fernando Gay Fonseca, a mãe foi, acima de tudo, uma mulher a frente de seu tempo. Ela foi uma pedagoga da vida:

Na cidade de Porto Alegre, em vários recantos ela deixou sinais de sua filantropia: a casa que ajudou a construir e as obras assistenciais que estimulou a crescer e a firmar. (...) Hoje minha mãe é rua, é colégio, é instituto. Os que passam pela rua que tem seu nome, também os que o colégio frequentam e os que no instituo militam ou se abrigam, pouco ou quase nada dela sabem, mas a verdade é que ela foi uma grande figura humana de seu tempo que pode refletir-se nos tempos. Na placa da rua que leva o seu nome, está escrito: “pioneira da filantropia”. E eu acrescentaria: pedagoga da vida²².

Seguindo o projeto de loteamento iniciado por Coufal, no final dos anos 1930, Ipanema aparece como um local destinado ao lazer e ao descanso dos porto-alegrenses, uma praia no estilo de Copacabana no Rio de Janeiro, e que apresentava todas as normas estéticas de um moderno urbanismo. O que se evidencia no anúncio divulgando, na época:

Ruas largas, amplas avenidas recortam esse soberbo recanto da capital, destinado a transformar-se na mais agradável estação de veraneio da população porto-alegrense. A Avenida Guahyba, com 20 metros de largura e 600 metros de extensão, com o seu calçamento já em activa execução, constitue o atractivo mais elegante entre todas as nossas estações balnearias²³.

Esse moderno urbanismo que se iniciava no bairro Ipanema estava associado ao momento vivido por Porto Alegre aquele momento: de transformações e conquistas de novas áreas de crescimento para a cidade. Conforme Charles Monteiro: “Os limites estabelecidos entre a área central e os antigos arraiais

²² FONSECA, Fernando Affonso Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 30 dez. 2010.

²³ CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 22 out. 1931. p. 13.

desapareciam por causa do rápido crescimento e expansão da cidade. Uma nova ordem urbana tornava obsoletos os antigos marcos espaciais da experiência urbana”²⁴.

O Plano Geral dos Melhoramentos de João Moreira Maciel²⁵ estimulou mudanças por toda a cidade. Na época foi um pioneirismo que transformou Porto Alegre, de acanhada cidade colonial do início do século XX, numa cidade moderna, saneada e embelezada. Esse arquiteto, inspirado nas mudanças ocorridas na cidade carioca durante a gestão do prefeito Pereira Passos²⁶, referência urbana em todo o Brasil, propôs na capital gaúcha uma profunda alteração do seu perfil paisagístico.

A partir da venda de grandes terrenos, muitas famílias construíram suas casas de veraneio, em estilo chalés. Famílias estas que residiam em outros bairros de Porto Alegre, mas que nos fins de semana ou nos períodos de férias se dirigiam à Zona Sul para fugir da poluição e do barulho do centro da cidade.

²⁴ MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 286.

²⁵ Conforme Célia Ferraz, o Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre de 1914, elaborado pelo engenheiro e arquiteto João Moreira Maciel, orientou a marcha da modernização da cidade, propondo, pela primeira vez de forma organizada e abrangente, os melhoramentos gerais e deixando traços na sua estrutura urbana, que traduzem, hoje, a própria identidade de Porto Alegre (SOUZA, Célia Ferraz de. Plano geral de melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008).

²⁶ A reforma urbana idealizada e executada pelo prefeito Francisco Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro entre 1903 e 1906 foi objeto de uma série de estudos que constituíram um verdadeiro boom sobre o tema no curto período da primeira metade dos anos de 1980 (AZEVEDO, André Nunes. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. Revista Rio de Janeiro, n. 10, maio-ago. 2003. Disponível em: <http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-AndreAzevedo.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2013).

Figura 7 – Família da Praia de Ipanema/1953



Fonte: Acervo da Família Cristóvão.

A divulgação do balneário foi importante para a venda dos primeiros terrenos, conforme anúncio: “Balneário Ipanema: terrenos na praia em prestações – sem juros – ruas calçadas e arborizadas e água canalizada. Auto-bonde à porta. Magnífica praia de areia”²⁷.

²⁷ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 29 out. 1931. p. 15.

Figura 8 - Anúncios divulgando o Balneário Ipanema/1930



Fonte: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Foram compradores dos primeiros lotes “Dr. Luiz F. Guerra Blessmann, Sr. Archimedes Fortini, Sr. Henrique Waldemar Ritter, Dr. José Luis de Almeida Martins Costa, Sr. Arthur Sassen”²⁸, entre outros. Nesta lista publicada pelo jornal *Correio do Povo* da época, destaca-se Guerra Blessmann, conceituado médico da Santa Casa de Misericórdia em torno dos anos 1930 e 1940.²⁹

Para Aquiles Porto Alegre³⁰, os novos bairros (arraiais) surgiam como lugares de memória da nova experiência urbana, resultado da divisão das chácaras e fazendas no século dezanove ou pelo desenvolvimento de alguma atividade econômica.

²⁸ CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 29 out. 1931. p 16.

²⁹ Para esse tema ler o artigo publicado nos Anais do IX Encontro Regional Sul de História Oral realizado no Centro Histórico Cultural Santa Casa. Disponível no site: <http://www.sul2017.historiaoral.org.br>.

³⁰ AQUILES, P. A. História popular de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940, p. 43.

3.3 Apogeu: Ipanema desponta no cenário porto-alegrense

Na beira do lago, a Avenida Guaíba margeava a grande enseada, formando o balneário, onde os primeiros moradores construíram suas casas de veraneio, os chalés. Muitas eram casas de madeira, próprias para o verão, mais simples e frescas. Porém, havia aqueles que preferiam construir belas moradias, mais confortáveis e luxuosas, como é o caso das famílias Coufal e Agrifóglia, os idealizadores do novo balneário.

É importante salientar que, a partir dessas construções em Ipanema, pioneiras na época, inaugura-se a modernidade na arquitetura em Porto Alegre. Luís Henrique Haas Luccas descreve esses momentos na década de 1930:

Os primeiros sintomas modernistas na arquitetura porto-alegrense foram percebidos no início dos anos trinta, em casas como de Manlio Agrifóglia e Osvaldo Coufal, que guarneciam a esquina formada pelas avenidas Guaíba e Flamengo, em Ipanema. Loteamento recém parcelado, passaria a servir como um laboratório para casas e chalets informais, experimentando as tendências do moderno funcional e art-déco, entre outras³¹

Durante a semana, a calma da praia estimulava os proprietários das residências da Avenida Guaíba, profissionais bem sucedidos, entre eles, engenheiros, advogados e médicos para encontros e conversas nas varandas dos chalés. Como se observa em outro depoimento de Gay da Fonseca:

O trezinho descia por debaixo da ponte. Tanto que o Loureiro da Silva queria, tinha um projeto de uma avenida que substituíria os trilhos do trem. Ele queria muito alargar isso tudo aqui. Tinha encantos também por Ipanema. Loureiro veraneou aqui por dois ou três anos. Mas aí Ipanema já começou a ter cheiro de bairro.

³¹ LUCAS, Luís Henrique Haas. *Arquitetura moderna em Porto Alegre: uma história recente*. ARQTEXTO (UFRGS), Porto Alegre, p. 24, 2001.

Ele adorava sentar aqui. Vinha me ver todos os dias quando eu estava veraneando. E sentávamos no avarandado do chalé³².

A partir dos anos 1940, Ipanema se tornou um balneário muito atraente. No verão, crianças costumavam brincar na praia, aproveitando as águas limpas e recomendadas por pediatras. O cenário, registrado por jornais da época, informava que ao som do sino da capelinha ecoando pelo bairro, as crianças brincavam em águas boas, mas eram vigiadas por babás impecavelmente engomadas. Nesse período, o rio convidava para um mergulho e um banho de sol. Porém, no inverno, alterava-se a paisagem, e os casarões com largos pátios ficavam entregues aos chacareiros. Fonseca relembra outros momentos de lazer em companhia da família e de amigos em Ipanema:

Tanto eu quanto minha mulher tínhamos paixão por Ipanema, como eu ainda tenho. Meus pais tinham também. Meu pai era da Viação Férrea. Era engenheiro. Ele viajava muito. No verão, quando chegava, fosse dia, fosse noite, ele ia pra dentro do rio. E chamava os amigos para irem ao banho com ele. A família toda. Mesmo à noite, ele levava todo mundo. Inclusive quando nós só veraneávamos aqui. Uma vez ele fez um tablado no meio do rio para fazer um baile, de gala. Bem em frente a casa dos Coufal, da Déa e do Oswaldo. E tinha dois tabladados: um para os serviços e o outro para a orquestra. Foi um dos bailes mais bonitos que se viu naquela época³³.

Por volta de 1945, conforme o professor Bellomo, grupos de ciclistas davam longos passeios na avenida, organizavam jogos de vôlei e outros esportes, e praticavam natação no Guaíba. As águas do rio ainda eram boas, livres dos despejos cloacais, pois as residências possuíam fossas nos jardins e o Arroio Capivara ainda não poluía a praia. E sobre essas águas, relembra o professor:

³² FONSECA, Fernando Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 30 dez. 2010.

³³ FONSECA, Fernando Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 30 dez. 2010.

“Eram tão limpinhas que se podia ver os peixinhos. As pessoas tomavam banho com sabonete”³⁴.

Assim, as águas eram um atrativo, e era para Ipanema, portanto, que muitos veranistas se dirigiam, a fim de aproveitar os banhos no Guaíba e fazer piqueniques³⁵ às sombras de figueiras centenárias. Especialmente os jovens apreciavam namorar, passear e colher pitangas, entre um banho e outro na praia. Com o calor escaldante de janeiro e fevereiro, os veranistas podiam se refrescar e usufruir a brisa agradável vinda da Lagoa dos Patos. Maria de Lourdes Mastroberti, veranista, cujos passeios à orla eram uma constante nos domingos de verão, relembra esses momentos de deleite e também o uso das barracas para se trocar:

Tinha ainda aquelas famosas barraquinhas para se trocar. Eram compridas, tinham uns dois metros de altura, era como um cone. Em cima tinha um cordão que a gente amarrava nas árvores. Na barraquinha cabia só uma pessoa. A gente entrava lá dentro, tirava o vestido e colocava o maiô. Ficava o dia inteiro de maiô. Tomava-se banho no Guaíba. Ah, se aproveitou muito lá. No fim do dia, a gente colocava tudo dentro de uma sacola e voltava para casa. Esperava o ônibus no final da linha, tudo na maior tranquilidade. Hoje já não se pode fazer mais isso³⁶.

³⁴ BELLOMO, Harry R. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 19 dez. 2008.

³⁵ A prática dos “pic-nics”, conforme relembra Achilles Porto Alegre, é bem antiga na cidade: “Há algumas dezenas de anos o pic-nic fazia parte da nossa vida social, e não havia um domingo ou um dia santo de guarda, que ranchos de famílias amigas não saíssem para os arrabaldes e arraiaes, a respirar o ar puro da natureza sã, longo do hábito mefítico da cidade” (PORTO ALEGRE, Achilles. Noutros tempos (crônicas). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1922, p. 166).

³⁶ MASTROBERTI, Maria de Lourdes. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 19 dez. 2010.

Figura 9 - Maria de Lourdes (centro) e amigas na Praia de Ipanema/1953



Fonte: Acervo de Maria de Lourdes Mastroberti.

No final da década de 1950, os veranistas começaram a fixar residência no bairro, na busca por descanso e tranquilidade. E, para compor esse quadro de histórias de vida acerca do bairro, relembra com saudosismo, Orly Furtado, administrador da SABI – Sociedade dos amigos do Balneário de Ipanema, fundada em 9 de fevereiro de 1953, e que durante muitos anos serviu para entreter seus associados, e moradores do lugar: “Ipanema era o xodó de Porto Alegre, aqui, nos finais de semana, no verão, atraía mais de cem mil pessoas”³⁷.

O bairro Ipanema também ficou conhecido pelo seu cinema de rua. Foi no tempo em que os cinemas ainda tinham os programas de tela e palco com shows ao vivo e cortinas de veludo. Na Zona Sul três tiveram suas estreias nos anos 1950. Duas salas de exibição foram criadas no bairro Belém Novo (Cine Art e Belgrano), e uma no bairro Ipanema (Cine Ipanema).

³⁷ Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Antigo Passo da Capivara. Jornal da SABI, 06 out. 1999.

De propriedade dos senhores Lívio Onori Di Rocco (que possuía a maior parte na sociedade), Antônio Carlos Porto Alegre, advogado, e de Joseph Porto Alegre, fotógrafo, o Cine Ipanema foi inaugurado em 28 de novembro de 1958, uma sexta-feira. O cinema, logo no primeiro ano, foi um sucesso. Os frequentadores, utilizando bondes ou carros, se deslocavam de outros bairros, atraídos pela moderna aparelhagem. Conforme anúncio de um jornal da época:

Mais um cinema deverá ser inaugurado, amanhã, dia 28, nesta capital. Trata-se do Cine Ipanema, localizado na Avenida Flamengo, nº 381, no Balneário Ipanema, pertencente à Cinematográfica Ipanema Ltda. De construção moderna, a nova casa de espetáculos deverá desempenhar importante papel na vida social do populoso bairro do 6º Distrito. Dotado de moderna aparelhagem, contará o Cine Ipanema com todos os últimos sistemas de projeção. Na sessão inaugural, com seu início marcado para às 20 horas, será exibido o belíssimo filme musical *Serenata no México*, Mexiscope da Pelmez, em Eastmancolor.³⁸

Um fato interessante e curioso sobre este cinema refere-se à forma de anunciar o filme, a qual ocorria pelo toque de uma sirene. Eram três toques chamando os moradores do bairro. Ao soar o terceiro toque, significava que o filme já estava começando e era preciso se apressar para não perder as primeiras cenas.

Construído para abrigar o Cine Ipanema, o prédio ainda existe. Localizado na Rua Flamengo, segue deteriorado pelo tempo e pela falta de cuidados. Paredes, portas e janelas danificadas e pichadas traduzem o abandono em que se encontra. Ainda assim, permanece como testemunha da história de um tempo que vai longe. Quem passa em frente ao local, não imagina que ali já foi cenário não só de glamour com as exibições noturnas, como também de diversão juvenil com as matinés das tardes de domingo.

³⁸ CORREIO DO POVO. 28 nov. 1958.

Desta forma, o empreendedorismo de Coufal e seus sócios transformaram Ipanema em um local muito procurado a partir da década de 1930. A atração ficava por conta da ótima balneabilidade do Guaíba, intensificando, desta forma, o aumento populacional do bairro. Esse movimento estendeu-se até o final da década de 1960, quando Ipanema ainda era um local destinado ao lazer e ao descanso dos porto-alegrenses com o aproveitamento do lago.

A partir do final dos anos sessenta e início dos setenta, a poluição das águas alterou o cenário praiano dos bairros da Zona Sul de Porto Alegre e Ipanema não escapou. Neste período, portanto, ocorreu o fim dos tranquilos e divertidos banhos de praia, pois a população temia as doenças de pele e outras complicações. A poluição do Guaíba, ocasionada pela construção do emissário de esgotos, também chamado pela comunidade de “*tubão*”, foi agravada pela poluição do Arroio Capivara que desaguava no lago suas águas sujas provenientes das casas sem tratamento de esgotos. Todos esses irão determinar o fim de uma era.

Ainda assim, era mais tranquilo e seguro residir na Zona Sul, e para as famílias, esta segurança que o bairro propiciava, compensava a ausência do rio: “*Não se podia usar o rio, mas tinha-se outras coisas boas*”.³⁹ Com os mesmos problemas ambientais, da maioria das demais praias da capital, Ipanema ficou esquecida pelas autoridades durante esta década. Com isso, reclamações da população, envolvendo o Arroio Capivara, como constantes alagamentos e mau cheiro, foram deixadas de lado. Só mais tarde é que este córrego foi canalizado. Porém, ainda hoje, a população vizinha ao riacho sofre com as enchentes em dias de chuvas fortes.

Outro fator que também afetou, neste período, a qualidade de vida do Bairro Ipanema, foi a construção da Indústria de celulose Borregard em Guaíba. A fábrica espalhava um cheiro desagradável por toda a região. Logo que entrou em operação, em

³⁹ BELLOMO, Harry: entrevista em abril de 2008.

março de 1972, a cidade de Porto Alegre foi tomada por um insuportável cheiro de *repolho azedo*, que chegava da outra margem do rio, trazido pelos ventos. Era a prova de que a natureza se alterava e com ela o perfeito equilíbrio e o ar puro de outrora. Ipanema sentiu o problema e o cheiro forte durante muito tempo.

Esse acontecimento fez surgir uma massa crescente de reclamações, tanto da população residente nos Bairros que recebiam o cheiro, quanto de personalidades importantes, entre eles o ambientalista José Lutzenberger. Os efeitos nefastos resultantes do despejo da produção de celulose foram amplamente discutidos pela população e divulgados pelos meios de comunicação. No fim de 1973, a fábrica foi finalmente interdita pelo governo do Estado. Mais tarde, a empresa foi nacionalizada, ressurgindo com outro nome: Riocell.

A partir da segunda metade da década de 1980, Ipanema voltou a ser motivo de atenção, graças aos projetos da Prefeitura sobre a construção de um aterro, que aumentaria a largura da faixa de areia da praia. No entanto, o projeto não foi adiante pela discordância entre a população do bairro e o governo municipal. Desta forma, as transformações no Bairro demonstravam que a Zona Sul da Capital estava crescendo e com este desenvolvimento, o Bairro adquiriria outra paisagem, mais urbana, menos rural.

Assim, as mudanças no bairro se fizeram sentir pelos moradores, tão acostumados com os “ares” de cidadezinha do interior, pacata e tranquila. E serão esses mesmos moradores que, na década de 1990, testemunharão uma avassaladora onda de construções com o advento dos condomínios horizontais, verticais e o surgimento de grandes loteamentos residenciais que alterarão definitivamente a paisagem do bairro. Como consequência, intensificou-se um grande desmatamento de áreas verdes para a construção desses loteamentos.

Atualmente, Ipanema é um lugar notadamente residencial. Possui um calçadão e uma ciclovia, atraindo moradores, atletas, entre eles ciclistas e corredores, diariamente. Espera-se para os

próximos anos que projetos da Prefeitura e também da iniciativa privada contemplem o bairro e suas vizinhanças, visto que Ipanema ainda hoje é reconhecido como um importante ponto turístico e de lazer na cidade de Porto Alegre, com seu espetacular e único pôr do sol, matizando o horizonte e as águas do Lago Guaíba.

Considerações finais

O objetivo central dessa pesquisa foi analisar a formação e o desenvolvimento de Ipanema, bairro situado na Zona Sul de Porto Alegre, no período compreendido entre o século dezoito, com o advento da primeira sesmaria, e o final dos anos 1950, quando são definidos, oficialmente, os limites do bairro, bem como os nomes das ruas e do balneário, idealizados por Oswaldo Coufal nos anos 1930.

O estudo partiu de uma coleta de informações, tendo por base os depoimentos de antigos veranistas e moradores, entre eles, pessoas comuns e também personalidades da região, os quais fizeram parte da história do lugar. Além disso, este trabalho se utilizou de documentos, entre eles, fotos, mapas e matérias de jornais e revistas da época. Grande parte do acervo foi disponibilizado não só pelos arquivos públicos da cidade de Porto Alegre, mas também pelo acervo de famílias de depoentes da pesquisa.

Baseado nos resultados obtidos é possível afirmar que a história de Ipanema, contada, analisada e registrada a partir desta investigação, teve suas origens ainda no século dezoito, a partir de uma grande gleba de terras, localizada na zona rural de Porto Alegre. Procedente da primeira sesmaria concedida a Dionísio Rodrigues Mendes, o local se constituiu em grandes extensões de terras, propriedades cujas fazendas se cultivavam arroz, milho, aipim e frutas.

Além da criação de gado leiteiro, o grande sesmeiro da região também desenvolveu charqueadas, as quais contribuíram para o desenvolvimento de outros bairros vizinhos. Isso foi possível devido à irrigação pelo Arroio Capivara, que proporcionava uma região

fértil e, portanto, perfeita para a agricultura e a pecuária. O cenário da Zona Sul era bucólico, permeado por poucas e extensas fazendas e chácaras de veraneio.

Fatos disponibilizados por meio das fontes levam à constatação de que em torno do século dezenove, começam a se estruturar as grandes fazendas, definidoras do tipo de ocupação na região e da primeira atividade econômica nas terras onde se situa o bairro: agropecuária. Uma das primeiras fazendas é a de João Baptista de Magalhães, mais conhecido por Juca Batista. É por meio de seus descendentes (netos e bisnetos) que se tem notícia da extensão de suas terras: iam de Belém Velho a Ipanema.

Criando e plantando, o fazendeiro ajudou a desenvolver economicamente a região. Por isso, ele é lembrado em avenida, linha de ônibus e estabelecimentos comerciais no bairro, os quais levam seu nome. Desta forma, o comércio ainda incipiente, sustentado por fazendas e chácaras prósperas, ajudou a povoar e desenvolver o arrabalde.

Gradativamente, a paisagem antiga foi se alterando, desdobrando-se em outras formas. Seguindo uma linha do tempo, da antiga sesmaria e das fazendas como a de Juca Batista, a região cedeu espaço para lindas chácaras e luxuosas vivendas de veraneio, principalmente nas vizinhanças, como Pedra Redonda, Vila Conceição e Assunção, localizadas na Tristeza. Nesses locais, desenvolveu-se uma infraestrutura voltada ao turismo, com a construção de hotéis, restaurantes e meios de transporte, como o vapor e o trem. Aliado a esse novo cenário, o espaço começou a ser recortado por uma arquitetura de influência europeia, especialmente a alemã, a qual contemplava residências de alto nível.

Para a historiadora Elizabeth Torresini, “enquanto a edibilidade lhe transforma as linhas estéticas construindo jardins, a iniciativa particular, orientada por um gosto apuradíssimo, cria aqui o maravilhoso conforto moderno, nos bairros aristocráticos, em vilas,

bangalôs suntuosos, *cottages* nobres.¹ Registra-se também que o momento é de mudanças no espaço urbano da cidade.

Conforme estudos de Torresini, a administração Alberto Bins acelera a comunicação do centro com o bairro, incrementando a abertura de novas ruas e o surgimento de praças e viadutos. A mudança do cenário indicava que o local deixava para trás seu aspecto mais rural, ingressando numa era de urbanização. Na realidade, toda a paisagem citadina de Porto Alegre, nesse período, passou por uma grande transformação, conforme revela Charles Monteiro: “A paisagem urbana de Porto Alegre passou por uma grande remodelação com a revitalização de obras viárias, a criação de áreas verdes, a canalização do Arroio Dilúvio, a urbanização da orla do Guaíba (zona sul)”².

Acompanhando essa linha de reformulação urbana que teve como modelo o Plano Geral dos Melhoramentos de Moreira Maciel, o empreendedorismo de Oswaldo Coufal e de seus sócios resultou no surgimento do bairro Ipanema, um loteamento planejado nos anos 1930 e que apresentaria todas as normas estéticas de um moderno urbanismo. A compra dos lotes foi feita por famílias de classe média, caracterizada por profissionais liberais, os quais residiam em outros bairros da cidade e nos fins de semana e nas férias escolhiam a Zona Sul, especialmente Ipanema, como refúgio, lugar de lazer, de banho e de veraneio.

Os estudos mostraram ainda que a descoberta do novo bairro se deveu, num primeiro momento, à procura do local por famílias que buscavam lazer em um determinado período do ano. O movimento em direção à orla do Guaíba viabilizou o desenvolvimento do local, aliado ao processo de urbanização vivenciado naquele momento em Porto Alegre. Este fato impulsionou o loteamento de terrenos, a partir da venda das

¹ TORRESINI, Elizabeth. História de um sucesso literário: Olhai os lírios do campo de Érico Veríssimo. Porto Alegre: Litteralis. 2003, p. 58.

² MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 37.

grandes propriedades, resultando na ocupação daquela vasta área à beira do Guaíba. Padre Lorenzatto reforça esse tese:

Foi assim que surgiu Ipanema, com uma moderna concepção de urbanismo, destacando-se a construção de inédita avenida margeando o rio, o que propiciou fácil acesso para as pessoas e veículos a esta larga faixa de areias litorâneas, permitindo desta forma o uso recreativo, a prática de esportes aquáticos e lazer, nas então límpidas e balneáveis águas do Guaíba, daquela época.³

Esse foi o Ipanema de Antigamente, cenários que esta pesquisa descortinou, não só objetivando resultado de trabalho de conclusão de curso acadêmico⁴, mas também como um presente à comunidade, interessada na história da sua cidade e do seu bairro. Um legado às gerações futuras. Um tempo de vida, de cotidiano, de natureza preservada e rio limpo, que não mais existe. Momentos vividos em um bairro com ares de cidadezinha do interior, pacata e tranquila, transformada, tempos mais tarde, em um lugar notadamente residencial, movimentado e cidadão. Um tempo que vai bem longe, mas que se traduz no imaginário daqueles que, pela oralidade, contribuíram para o resgate desta parte da história de Porto Alegre.

Naqueles velhos tempos, Ipanema era um bairro onde reinava a paz, a tranquilidade e a segurança. Portas e janelas podiam ficar sempre abertas. Não havia assaltantes, apenas batedores de carteiras que agiam nos bondes, no centro ou nas grandes concentrações. Por isso, nas tardes cálidas, casais e famílias circulavam pela beira da praia despreocupadamente. Quase todos se conheciam e se cumprimentavam. O leiteiro, o padeiro, o açougueiro e o verdureiro entregavam mercadoria nas residências

³ LORENZATTO, Padre Antônio Domingos. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 abr. 2011.

⁴ MACHADO, Janete da Rocha. Ipanema: história e memórias de um bairro da Zona Sul de Porto Alegre. Trabalho de conclusão de curso de especialização em Rio Grande do Sul. FAPA. 2011.

e o acerto de contas se fazia no fim do mês. Naquele tempo podia-se tomar banho nas límpidas águas do Guaíba.⁵

Nas palavras do Padre Antônio percebe-se uma nostalgia, um misto de tristeza e saudade causadas pelas transformações ocorridas na região. Porém, é importante salientar que, o bairro, mesmo maltratado pelo homem, que derrubou árvores e poluiu as águas do rio, conservou sua beleza e sua harmonia. O nome Ipanema, que na língua tupi significa “água que não presta”, antecipou uma condenação, pois as águas, antes límpidas e piscosas, hoje recebem os dejetos de esgotos do Arroio Capivara – principal agente poluidor.

As transformações, ao longo do tempo, foram sentidas pelos moradores do bairro, porém, prevaleceram a beleza e as lembranças de um tempo bom, conforme Vasconcellos: “O rio, embora poluído, continua belo, haja vista que seu pôr do sol é um dos cartões postais de nossa cidade; seus morros, suas árvores (ipês, figueiras e outras) deleitam os nossos olhos e os pássaros que nos oferecem seu cantar maravilhoso”.⁶ E foi esse cenário, emoldurado pelo Guaíba, que inspirou seu loteador, Oswaldo Coufal, levando-o a idealizar um dos mais bonitos balneários de Porto Alegre.

Das transformações pelas quais passou o bairro Ipanema, analisadas nestas páginas, suscita uma reflexão: da sesmaria de Dionísio Rodrigues Mendes, e das antigas chácaras, restam para a posteridade a memória documental e o imaginário, elementos construtores de uma história, a partir da oralidade, transmitida e registrada para o conhecimento dos mais jovens. E é nesse mapa antigo da cidade, onde, debruça-se o olhar nostálgico da memória viva, resgatando no tempo, e permitindo afirmar que a história não acabou. Ipanema, certamente, continuará sua trajetória com crescimento e inúmeras mudanças, mas sempre com narradores memorialísticos ou os homens-memória através dos tempos.

⁵ LORENZATTO, Padre Antônio Domingos. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 abr. 2011.

⁶ VASCONCELLOS, Emília Rolim Magalhães. Depoimento por escrito concedido à autora. Porto Alegre, 10 abr. 2008.

Referências

ACERVO DA FAMÍLIA COUFAL. Registro de Imóveis do Município de Porto Alegre. Documento datado de 12/04/1938.

ACERVO DA FAMÍLIA CRISTÓVÃO.

ACERVO DA FAMÍLIA MAGALHÃES.

ACERVO DA FAMÍLIA SCHMITZ.

ACERVO DE FERNANDO GAY DA FONSECA

ACERVO DE JOÃO LYDIO DE CASTRO.

ACERVO DE MARIA DE LOURDES MASTROBERTI

ALENCANTRO, Luiz Felipe; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 2. p. 291-335.

ARQUIVO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSÉS VELLINHO. O veraneio de antigamente. Jornal do Comércio, Porto Alegre, 04 jan. 1982. p. 2.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 22 out. 1931.

_____. Porto Alegre, 29 out. 1931.

_____. Porto Alegre, 29 jan. 1933.

_____. Porto Alegre, 28 nov. 1958.

DREHER, Martha Elisabeth. Nossa chácara. Carta escrita em 1970. [Acervo da Família Dreher adquirido em 2012].

DUMAZEDIER, Joffer. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, FAY, Claudia Musa. SCHEMES, Claudia. PRODANOV, Cleber. Arriscar e inovar: uma geração de empreendedores gaúchos do século XX. Revista História Econômica & História de Empresas. XIII. 1 (2010), 157-186.

FLORES, Hilda. Tristeza e Padre Reus. Porto Alegre: Elape, 1979.

HUYER, André. A Ferrovia do Riacho: um caminho para a urbanização da Zona Sul de Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. [Orientadora: Dra. Célia Ferraz de Souza].

JANETE & PORTO ALEGRE. Blog. Disponível em: <<http://janeterm.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

JUCA BATISTA, uma vida de doação. Jornal CS Zona Sul, 1 quin. abr. 1997. p. 5.

LABORATÓRIO DE PESQUISAS EM HISTÓRIA ORAL DA PUC/RS (LAPHO). Disponível em: <<http://www.lapho.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: UNICAMP, 1996.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memória da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DE COSTA. História de Porto Alegre. Porto Alegre, 2010.

MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM JOSÉ FELIZARDO. História de Porto Alegre. Porto Alegre, 2010.

MUSEU HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE MOYSES VELLINHO. O antigo Passo da Capivara. Jornal da SABI, 06 out. 1999.

REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre, ano XI, n. 248, 25 mar. 1939.

SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

SCHOSSLER, Joana. As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. [Orientador: Prof. Dr. René Gertz].

TERRA, Eloy. As ruas de Porto Alegre. Porto Alegre: AGE, 2002.

Entrevistas:

BELLOMO, Harry R. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 05 dez. 2008.

CASTRO, João Lídio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 nov. 2013.

CRISTOVÃO, Maria Hilma. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre,

DREHER, Maria C. Mansur. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 10 set. 2012.

FONSECA, Fernando Gay. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 20 dez. 2012.

LORENZATTO, Padre Antônio. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 12 abr. 2011.

LUCE, Helga Bins. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 03 mar. 2013.

MAGALHÃES, Teresa Terra. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 10 jul. 2012.

MASTROBERTI, Maria de Lourdes. Entrevista concedida à autora. Porto Alegre, 15 jan. 2010.

Anexos - Primeiros proprietários de terrenos no Balneário Ipanema¹

Dr. Raul Moreira - Dr. Luiz F. Guerra Blessmann - Dr. Alceu Octacílio Barbedo -
Dra. Marina Mattos de Bem

Sr. Emílio Fimbltzki -Sr. Plínio Chaves de Figueiredo - Dr. Alberto Gigante - Dr.
Waldemar do Couto e Silva

Sr. Hygino Bernardi - Sr. Archimedes Fortini - Sr. Alcides Gonzaga - Sr. Gustavo
Bernacki -

Dr. Ophyr Barcellos - Sr. Domingos Seguezio - Sr. Henrique Waldemar Ritter -
Sr. Samuel Larangeira

Dr. José Luis de Almeida Martins Costa - Sr. Oscar V. Barbosa - Sr. Fausto
Sant'Anna

Sr. Oscar Otto - Sr. Emilio Kasper - Dra. Joaquina Ribeiro Tacques - Srs. Irmão
Carraro

Sr. Pedro Perozzi - Sr. Carlos Willibaldo Matte - Vva. Carikuba K. F. M. Ritter -
Sr. Luiz Antonio Mauton

Sr. Amilcar Ferrari - Dr. Nestor Barbosa - Vva. Dorvalina Victoria - Sr. José S.
Sehaurich

Dra. Amabile Mariné Faisetto - Dr. Antonio Ourique Moreira - Sr. Horácio
Carvalho Sobrinho

Sr. Arthur Sassen - Vva. Angelina Agrifoglio - Dr. Ivo Barbedo - Dr. Carlos
Hoffmeister

Sr. Harry Thurmann - Sr. José Barcellos de Azevedo - Sr. Oswaldo Lorenz - sr.
Adolpho Liedke

¹ **CORREIO DO POVO/1931** - Reportagem intitulada "Os primeiros compradores de terrenos do Balneário Ipanema". Fonte: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

Dra. Assumpta Demarchi Fortini - Sr. Raul da Silva Macedo - Sr. Pedro Raymundo Muller

Dra. Amabili Toffoli Culau - Dr. Moacyr Barcellos - Sr. H. O. Seibel - Sr. Albano Petersen

Sr. José Segnezio - Sr. Alfredo Miranda Obino - Sr. Guilherme Alfredo Henning - Sr. Victor E. Schramm

Sr. Darcy Barbosa dos Santos - Sr. Miguel Araujo - Sr. Justino Barcellos Feijó - Sr. Otto Jahreis

Sr. Belisario Ferreira - Sr. Telmo Stumpf - Sr. Armindo Gonçalves - Sr. Ademaro Teixeira

Dra. Adylles Piantá Petrucci - Dr. Paulo Ely - Sr. Fernando Mothes - Sr. Frederico Dessart

Sr. Jorge Eluf - Sr. Antonio Mariné Ferré - Sr. Pedro Schmitt - Sr. Conrado Kurtz